Almanaque ANTIRRACISTA

para Adolescentes



UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA

mensagens empoderadas pelo esporte

Almanaque ANTIRRACISTA

para Adolescentes



UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA

meninas empoderadas pelo esporte



Um programa de





Parceiras implementadoras



Realização | Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres – ONU Mulheres Casa das Nações Unidas no Brasil

Complexo Sergio Vieira de Mello SEN Quadra 802 Conjunto C, Lote 17, Bloco B – Prédio Lélia Gonzalez 70800-400 – Brasília/DF

Representante do Escritório Brasileiro | Anastasia Divinskaya
Coordenação | Empodera: Beatriz Akutsu, Ivana Di Mauro, Jane Moura, Thaís Olivetti e Fernanda Garcia.

Desenvolvimento: Raissa Vieira Gomes da Cruz Sobral
Revisão Técnica e Textual: Gabriela Bastos, Olga Bagatini e Raíssa Vitório Pereira
Design e Diagramação: Samtiago e Érika Luna
© 2022 ONU Mulheres. Todos os direitos reservados.

Este material, Almanaque Antirracista para Adolescentes, é um desdobramento das discussões do Grupo de Trabalho de Práticas Antirracistas, realizado em setembro de 2020 pelas facilitadoras e professoras de educação física do Programa Uma Vitória Leva Outra, um programa
da ONU Mulheres em parceria com Comitê Olímpico Internacional, com a implementação da Empodera.

As opiniões expressas nesta publicação são individuais e não representam necessariamente as perspectivas o iciais da ONU Mulheres, das Nações Unidas ou de suas organizações vinculadas.

Almanaque ANTIRRACISTA

para Adolescentes

UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA

meninas empoderadas pelo esporte

5

Sumário

F.1

F.2



F.1-F.2_Ver p.112

Apresentação 08
1. O que é racismo? 11
2. O Brasil e o racismo 17
3. O racismo e suas representações na sociedade 25
3.1. Padrões de beleza 26
3.2. Racismo na escola 34
3.3. Violência contra as meninas e mulheres negras 38
3.4. Racismo no esporte 48
3.5. Racismo no mercado de trabalho 56
3.6. Racismo na política 61
4. "Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista" 67
4.1. Afinal, o que é antirracismo? 68
4.2. É importante compreender a negritude! 72
4.3. Reconheça os privilégios 77
4.4. Desconstrua expressões racistas 81
5. Direitos (Leis e ações afirmativas) 85
6. Representatividade 93
7. Minhas reflexões 99
Notas de rodapé 108
Notas das ilustrações 112
Referências Bibliográficas 118
Respostas das atividades 121

Apresentação

Olá, leitora!

Temos o prazer de apresentar para você o Almanaque Antirracista para Adolescentes do Programa Uma Vitória Leva à Outra (UVLO). Este almanaque é resultado dos encontros entre as facilitadoras e professoras de educação física do programa UVLO, no âmbito do Grupo de Trabalho de Práticas Antirracistas, que visa discutir sobre o racismo e como ele se



F.3

F.3_Ver p.112

manifesta nas vidas das participantes e educadoras do programa. Com o objetivo de esclarecer algumas questões étnico-raciais, esse Almanaque traz pontos de reflexão para que possamos criar estratégias de prevenção e enfrentamento ao racismo. Mas, se você está se perguntando se existe uma fórmula mágica para combater o racismo, a resposta é não!

Não existe receita de bolo para a prática antirracista, porém, existem caminhos para estabelecer a equidade e igualdade raciais e lidar de forma mais justa com esse assunto.

Esse Almanaque também é um guia para sensibilizar a todas para um problema que nos cerca diariamente e que muitas vezes passa despercebido. Informe-se! Conhecimento é poder. Entenda a si mesma e compreenda o seu lugar na sociedade. Busque refletir de forma crítica sobre a forma que navega nos espaços a partir desse seu lugar e passe a agir de forma consciente com atitudes antirracistas!

Vamos nessa?



F.4

F.4_Ver p.112

01.

O QUE É RACISMO

01_O QUE É RACISMO?

Para começo de conversa, vamos apresentar os conceitos[1] de racismo, preconceito e discriminação para entendermos melhor cada um deles. Vocês sabiam que essas palavras têm significados diferentes? Explicaremos cada uma delas a seguir.

Racismo[2] é um sistema que discrimina indivíduos baseado em sua raça, inferiorizando determinados grupos e gerando valores desiguais dentro da sociedade de forma violenta. Isso determina uma relação de poder entre uns e outros. Mas, o **que é raça[3]**?

Você sabia que raça, na verdade, não existe biologicamente? Esse termo foi utilizado como uma tentativa de classificar e hierarquizar, colocando as pessoas brancas no topo do arranha céu e as pessoas não brancas lá embaixo, no último andar. Portanto, neste Almanaque, quando este termo aparecer, será compreendido do ponto de vista **social.**

1_2_3_Ver p. 108

Raça

Apesar do termo não ser mais utilizado, ele ficou no imaginário da população e contribuiu para a construção de preconceitos e discriminações raciais.

F.5

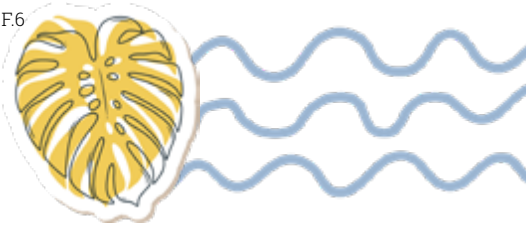


Preconceito racial[4] é quando associamos **determinados comportamentos** a algum indivíduo de um grupo específico, criando estereótipos sobre esse alguém. Achar que toda negra brasileira sabe sambar, que árabes são terroristas ou que todas as pessoas de origem asiática têm a língua presa são estereótipos que estão relacionados à cor de pele de uma pessoa, e isso gera o preconceito racial, seja consciente ou inconsciente.

Já a **discriminação racial[5]** se dá conforme membros de determinados grupos são **ignorados e/ou rejeitados por conta da sua condição étnica/ racial.** Você já sentiu um tratamento diferente por ter uma religião ameríndia ou de matriz africana? Ou ainda por conta da cor da pele ou pelo cabelo? Ou tratou alguém diferente por conta disto? Essas são situações de discriminação - discriminar significa distinguir, discernir, diferenciar.

Tratar pessoas negras[6] (pardas e pretas) ou de qualquer outro grupo específico (árabes, asiáticos, judeus, etc.) de maneira injusta e/ou desigual por conta da sua origem ou cor da pele caracteriza uma atitude de discrminação racial.

F.6



4-5-6_Ver p. 108 / **F.5-F.6_Ver** p.112

CURIOSIDADE

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é uma instituição que tem a missão de fornecer à população brasileira informações sobre a realidade do país em diferentes aspectos. **Para o IBGE, negros são aqueles que se autodeclaram pardos ou pretos, e esses dois grupos somados representam mais da metade da população do Brasil**[7].

Essas diferentes formas de tratamento geram uma desordem social, criando vantagens para determinados grupos e desvantagens para outros, e também privilégios que, de modo geral, são possuídos por aqueles que têm mais poder, que no caso do Brasil são as pessoas brancas. Quando falamos dos corpos negros, esse desequilíbrio de poder resulta no racismo, que poderá se manifestar como preconceito e/ou discriminação racial.

O preconceito e a discriminação racial estão penetrados no racismo, e diferenciar esses termos nos ajuda a identificar ações racistas mais facilmente.

Ainda assim, é importante destacar que, independentemente de ser uma ser uma situação de preconceito, discriminação ou racismo, essas manifestações são graves e criminosas.

F.7



7_Ver p. 108 / **F.7_Ver** p.112

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Em todos os capítulos teremos indicações de alguns vídeos e reportagens para compreender melhor e aprofundar o assunto. Nos links abaixo estão nossas primeiras indicações.

Você sabe o que é racismo estrutural? | Conversas Gostosinhas. Ana Paula Xongani, 2019:
https://bit.ly/3LBryXt

Os Africanos | Raízes do Brasil #3, Rizoma Estúdio, 2016:https://bit.ly/3kLZqFM

F.8*



F.8_Ver p.112 / *Adaptação Estúdio Aesho



02.

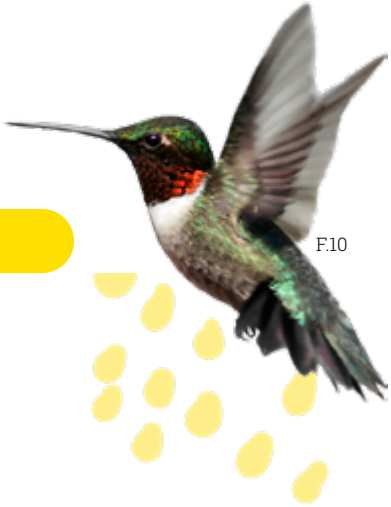
O BRASIL E O RACISMO



F.9

F.9_Ver p.113

02_O BRASIL E O RACISMO



F.10

A história do Brasil com o racismo[8] tem início no período colonial, época em que o país escravizou milhares de pessoas.

O primeiro grupo a ser escravizado em terras brasileiras foram os povos indígenas, nativos desta região. Mas, desde o primeiro século de colonização, africanos já eram trazidos para o Brasil como pessoas escravizadas. Isso foi aumentando à medida que a população indígena era dizimada, vítima das violências coloniais e das epidemias de doenças trazidas da Europa.

Com a alta demanda por mão de obra escrava, o extermínio das populações indígenas e as ambições políticas e econômicas dos colonizadores, o tráfico e a escravização de povos africanos aumentou em larga escala em todo território brasileiro. Séculos se passaram, e o tráfico negreiro existente no Brasil se tornou o maior do mundo, sequestrando milhares de africanas e africanos

8_Ver p. 109 / **F.10_Ver** p.113

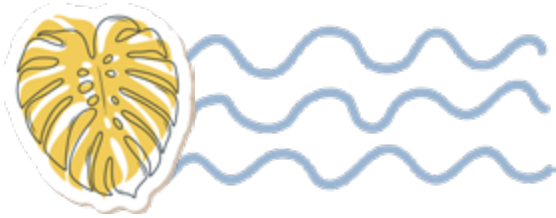
que foram desumanizadas/os, inferiorizadas/os, vendidas/os como mercadoria, obrigadas/os a apagar suas raízes, a trabalhar de forma forçada durante várias horas por dia e em péssimas condições, presas/os a senzalas, sem nenhum tipo de direito – como ir ao médico ou até mesmo a usar sapatos, por exemplo – o que estabelecia uma relação de poder dos senhores de engenho sobre as pessoas escravizadas, considerados propriedades deles. Na imagem abaixo, vemos uma foto da Fazenda de Quititi, em 1865. Repare na diferença entre a criança branca e as crianças negras.

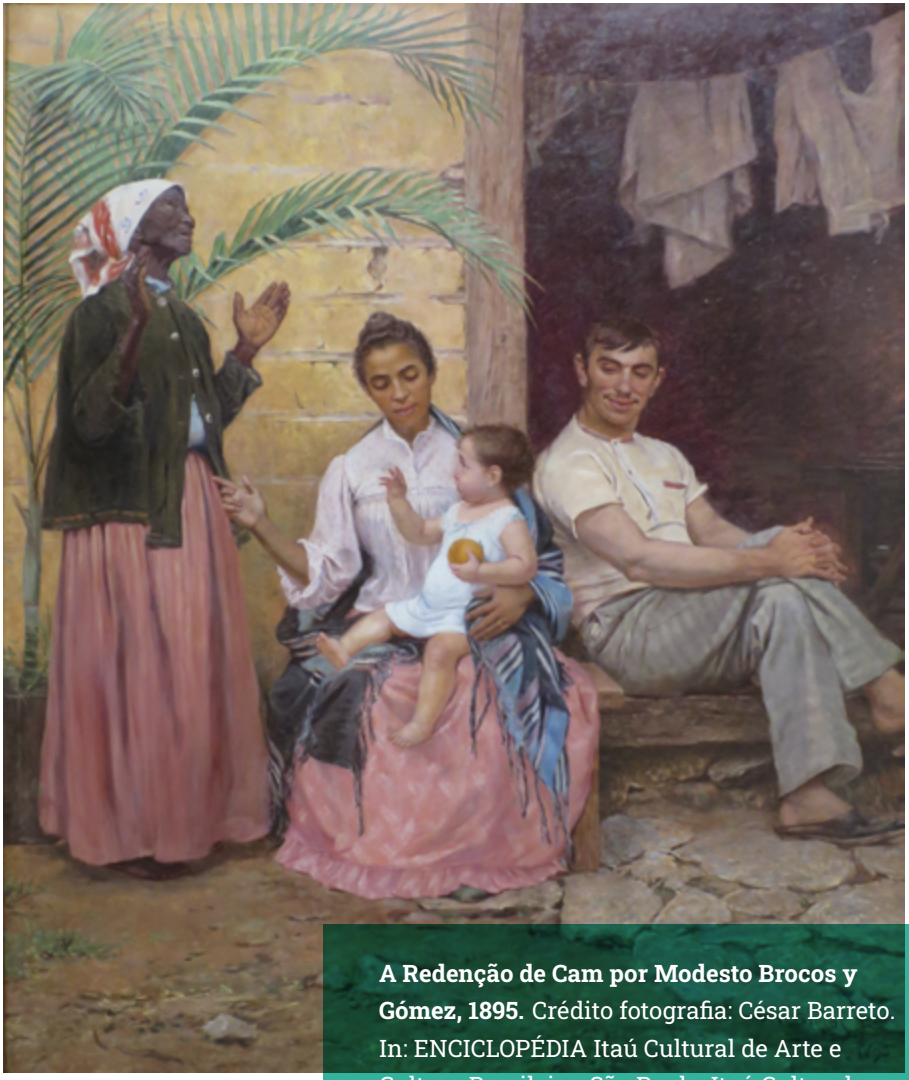


Fazenda de Quititi, no Rio de Janeiro, 1865. Crédito fotografia: Georges Leuzinger/Colección Gilberto Ferrez/ Acervo Instituto Moreira Salles.

A escravização no Brasil durou mais de três séculos, e este longo período causou grandes efeitos na sociedade. Um dos mais evidentes é o racismo estrutural que prevalece até os tempos de hoje. Depois de mais de dois séculos de insurreições e revoltas, em 1888, no dia 13 de maio, a Lei Áurea, documento que declara a extinção da escravidão no Brasil, foi assinada pela Princesa Isabel. Contudo, a lei não garantiu nenhum tipo de suporte para as pessoas recém–libertas, que cada vez mais eram oprimidas, sem acesso à educação, saúde e trabalho assalariado.

Além disso, diversas leis impossibilitaram que negras e negros recém–libertas/os, assim como seus descendentes, pudessem ascender socialmente ou até mesmo ter uma vida digna. A Lei dos Vadios e Capoeiras de 1890, por exemplo, incriminava todas as pessoas que perambulavam pelas ruas, sem trabalho ou residência comprovada, o que era comum, já que após a abolição as pessoas negras recém-libertas foram abandonadas pelo Estado, ficando sem casa e trabalho. Isso foi agravado com a vinda de imigrantes europeus, que chegaram como força de trabalho remunerada para aumentar a mão de obra nas lavouras. Passado o marco da libertação, as elites políticas e intelectuais brasileiras passaram a acreditar que ter uma população negra maior do que a branca prejudicaria o futuro das terras brasileiras. A partir disso, a imigração





A Redenção de Cam por Modesto Brocos y Gómez, 1895. Crédito fotografia: César Barreto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: https://bit.ly/37AxSAt

F.11



em massa foi incentivada. Do ponto de vista da elite, a miscigenação de pessoas brancas europeias com a população brasileira (negros, indígenas e brancos) transformaria o Brasil numa nação com superioridade numérica branca, ou seja, após algumas gerações, a população brasileira teria sido embranquecida.

A pintura **"A Redenção de Cam"** nos ajuda a compreender como a teoria de embranquecimento funcionaria na prática. Na imagem da página anterior, vemos a mãe e a filha negras, e o homem branco com o filho igualmente branco. A retirada violenta das pessoas africanas de suas terras, a associação de servidão imposta

F.11_Ver p.113

à mulher negra, cozinhando, cuidando, sendo objeto sexual, são exemplos de sucessivas agressões realizadas por séculos contra esse grupo. Ainda assim, o Estado por muito tempo se recusou a estabelecer políticas de reparação[9] no pós-abolição, cometendo uma grande injustiça que só passou a ser equiparada no século XXI como tentativa de reparação histórica.

Enquanto a elite branca pensava em estratégias de branquear a população, as pessoas negras, ex-escravizadas, buscavam meios de sobreviver. E foi nessa procura que a identidade negra brasileira foi se construindo e que a população negra foi se movimentando para que suas condições de vida fossem mais justas e respeitadas.

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

F.12



Teoria do Embranquecimento e o Colorismo - Soul Vaidosa, 2018: https://bit.ly/3G9yYQh

9 _**Ver** p. 109 / **F.12_Ver** p.113



F.13

03.



O RACISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE

F.13_Ver p.113

03_O RACISMO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE

Padrões De Beleza

Você já ouviu falar em padrões de beleza? "Padrões de beleza[10] são conjuntos de normas estéticas que desejam formatar como deve ou não deve ser o corpo e a aparência das pessoas– definindo uma diversidade de características como desejáveis ou não desejáveis".

Aqui no Brasil, tal padrão se aproxima bastante de uma beleza europeia (pele branca, olhos claros, cabelos claros e lisos etc.), o que favorece a permanência de um racismo velado. Tal ideal de beleza criou a lógica de que, quanto mais uma pessoa se aproxima da estética branca, mais bonita ela é, associada sempre a um valor positivo. Logo, quanto mais uma pessoa se aproxima da estética negra, mais feia ela é, carregando assim repetidamente um valor negativo.



10_Ver p. 109

F.14



F.14_Ver p.113


DESDE QUE EU ERA BEM NOVINHA, MINHA MÃE ALISAVA O MEU CABELO.
ELA DIZIA QUE FICAVA MAIS "ARRUMADO".
ELA TAMBÉM ALISOU A VIDA TODA.
UM DIA, CANSEI DE GASTAR GRANA COM QUÍMICA
E RESOLVI DESCOBRIR
COMO O MEU CABELO
ERA DE VERDADE
LAURA ATHAYDE



Fonte: Laura Athayde. 2019. Aconteceu Comigo Hq.
Disponível em: https://bit.ly/3FmKKqm
Acesso em: 12/01/2022

Um exemplo claro dessa lógica é a frequente associação dos cabelos crespos, com dreads ou trançados, a algo sujo, ruim, desarrumado e duro. Essas associações fazem com que muitas mulheres negras comecem a alisar o cabelo e a seguir outras normas estéticas para que, cada vez mais, possam se encaixar nos padrões ditos como "bonitos", e que muitas vezes são passados de geração em geração.

Os padrões de beleza não ditam apenas normas estéticas como essa, que diz que "o cabelo liso é bom e o cabelo crespo é ruim". Ele também irá influenciar os nossos comportamentos como mulheres, seja aqui no Brasil, ou em qualquer lugar do mundo.

F.15

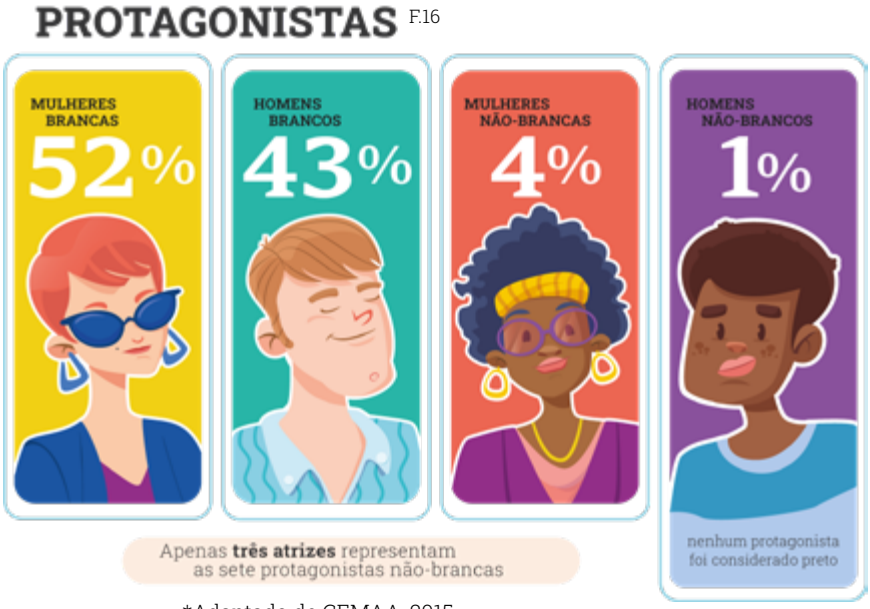


A mídia reforça tais padrões. Quantas vezes você ligou a TV e se deparou com uma mulher negra ou indígena? E quando encontrava alguma, em qual posição ela estava, qual era a sua personagem? E nas capas de revistas, quem são as mulheres que mais têm destaque?

As perguntas acima nos auxiliam a perceber o quanto aquele programa, comercial, novela, filme ou jornal está nos representando. Analisando novelas entre 1995 e 2014 de uma determinada emissora, o grupo de estudos GEMAA (Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

F.15_Ver p.113

(UERJ), com a pesquisa intitulada **A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos**[11], apontou que apenas 4% das novelas tiveram como protagonistas mulheres não brancas (GEMAA, 2015). Esse percentual é muito baixo pensando que mais da metade da população brasileira se autodeclara (declarar algo sobre si) como negra (parda e preta). Repetidamente, entenderemos que são apenas esses espaços que elas podem ocupar. Por isso, a representatividade negra e também a indígena são tão importantes. Quanto mais espaços ocuparmos, maiores as nossas chances de atingir a igualdade racial, social, econômica e de gênero.



*Adaptado de GEMAA, 2015.
Ilustração: Estúdio Aesho

11_Ver p. 109 / **F.16_Ver** p.113

O que há de mais bonito em você?

Te convidamos a assistir ao vídeo "Tour Pelo Meu Rosto", do Canal Papo De Pretas, Gabi Oliveira, 12 de janeiro de 2018: https://bit.ly/3vTJ30x

No link do vídeo acima, a influencer Gabi de Pretas faz um tour pelo seu rosto pontuando os detalhes mais bonitos de sua fisionomia. E você, qual a parte que mais gosta do seu rosto? E aquela que não gosta, consegue responder o por quê?

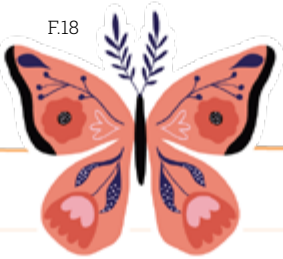
F.17



Faça uma lista das coisas mais belas que existem em você.

F.17_Ver p.113

F.18



1 -

2 -

3 -

4 -

5 -

F.18_Ver p.113

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

O padrão de beleza exigido para meninas e mulheres negras atinge a todas, desde você, leitora, até artistas renomadas como a cantora Iza.

Iza e o padrão de beleza na infância | Espelho - CANAL Brasil, 2020: https://bit.ly/3w9ZGUs

"Apenas 5% das capas tiveram mulheres negras", afirma autora de livro sobre revistas femininas– **Carol Passos, Portal Geledes, 2018:** https://bit.ly/3KMJPR6

Representatividade: criança negra se identifica com **Maju Coutinho– Fala Universidades,** 2019: https://bit.ly/3Pg0Iam

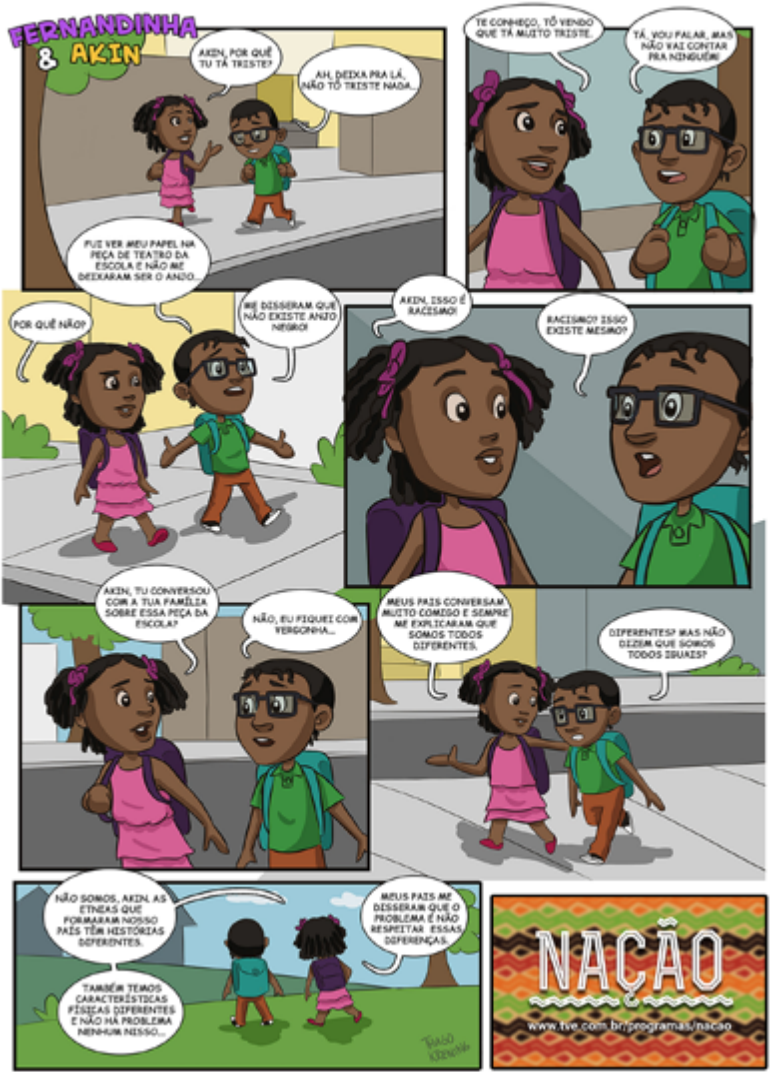
Drik Barbosa–Liberdade part. Luedji Luna e R.A.E, 2019 https://bit.ly/3MVwkzY

Racismo na escola

Ao pensarmos sobre o racismo na escola, podemos confundir com situações de bullying. Apesar de ambos serem ações de violência, ainda assim são diferentes.

Como vimos, o racismo é um sistema que discrimina, inferioriza e desumaniza. Já o bullying inferioriza e amedronta, é aquela "zoação" que fazem sempre, ou aquele apelido que colocaram em você ou em alguma amiga que, mesmo vocês não gostando, continuam sendo chamadas deste modo todos os dias na escola. O quadrinho ao lado é uma conversa entre Fernandinha e Akin que demonstra uma situação de racismo na escola.

Em maio de 2020, um caso de racismo escolar teve grande repercussão no Rio de Janeiro,



Fonte: Thiago Krening. 2016. Fernandinha e Akin.
Disponível em: https://bit.ly/3MAoY5l. Acesso em: 12/01/2022

durante a pandemia da COVID-19. Num grupo de conversas online, que reunia a turma do primeiro ano de um dos melhores colégios da cidade, alguns alunos começaram a xingar de forma racista uma aluna preta, com frases como: **"Quanto mais preto, mais preju", "Dou dois índios por um africano", "Fede a chorume", "Escravo não pode. Ela não é gente"**[12]**.** A aluna preta que sofreu os ataques denunciou aos professores e a seus responsáveis, que tomaram as devidas providências.

A escola é um lugar de diversidade, nela há o encontro de diferentes etnias, classes sociais e vivências, que devem ser respeitadas. O **racismo em nosso país é crime** e sempre que for praticado deve ser rechaçado. Um dos meios de se fazer tal denúncia é via o **DISQUE 100**, um serviço do governo que tem como objetivo informar e receber denúncias sobre racismo, entre outras violações.

MERGULHE NO ASSUNTO

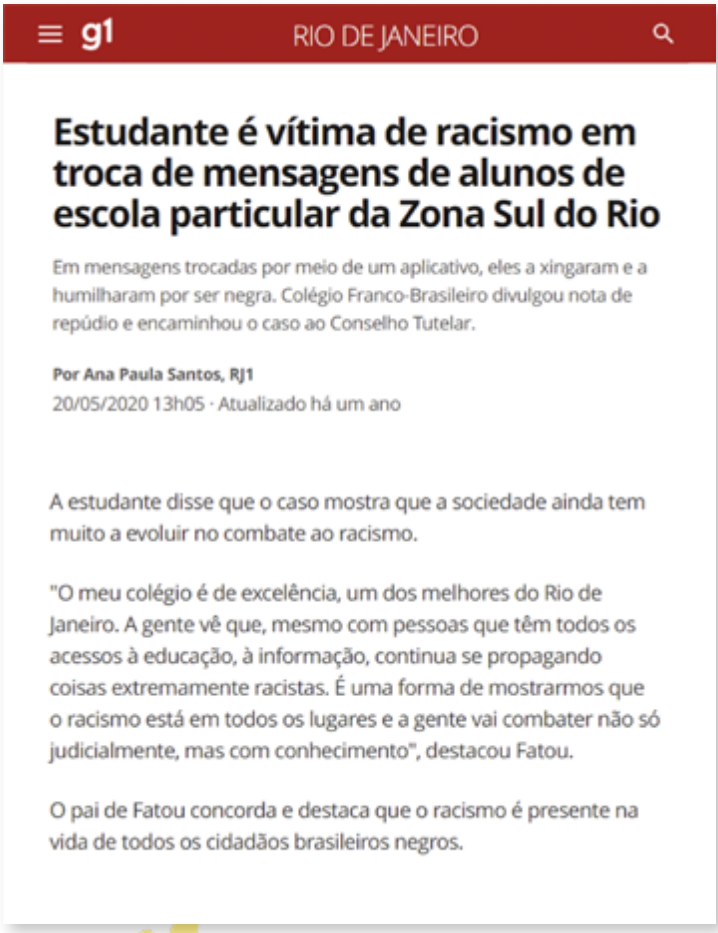
PEGUE A VISÃO!

Racismo é crime e, como todo ato criminoso, deve ser denunciado. No site abaixo tem mais informações sobre como proceder com a denúncia por telefone, mas ela também pode ser feita numa delegacia por meio do boletim de ocorrência. E esse vídeo "Ninguém nasce racista", já viu ele em algum lugar?

DISQUE 100
https://bit.ly/38dOP3N

Ninguém nasce racista– helpmeplay, 2016
https://bit.ly/3kW3hjD

12_**Ver** p. 109



g1 RIO DE JANEIRO

Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens de alunos de escola particular da Zona Sul do Rio

Em mensagens trocadas por meio de um aplicativo, eles a xingaram e a humilharam por ser negra. Colégio Franco-Brasileiro divulgou nota de repúdio e encaminhou o caso ao Conselho Tutelar.

Por Ana Paula Santos, RJ1
20/05/2020 13h05 · Atualizado há um ano

A estudante disse que o caso mostra que a sociedade ainda tem muito a evoluir no combate ao racismo.

"O meu colégio é de excelência, um dos melhores do Rio de Janeiro. A gente vê que, mesmo com pessoas que têm todos os acessos à educação, à informação, continua se propagando coisas extremamente racistas. É uma forma de mostrarmos que o racismo está em todos os lugares e a gente vai combater não só judicialmente, mas com conhecimento", destacou Fatou.

O pai de Fatou concorda e destaca que o racismo é presente na vida de todos os cidadãos brasileiros negros.

Imagem extraída de: Santos, Ana Paula. 2020. **Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens de alunos de escola particular da Zona Sul do Rio. G1.**

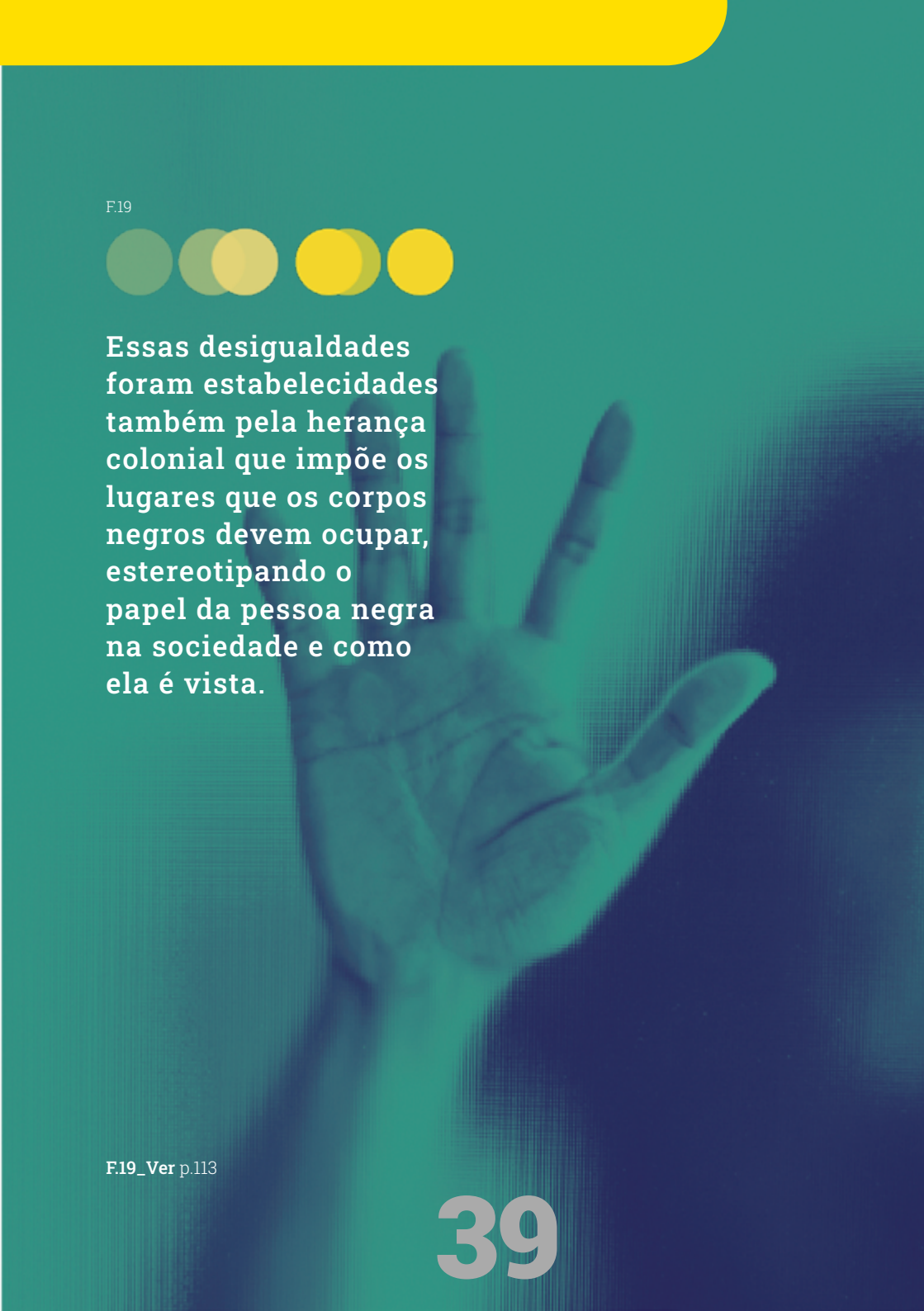
Violência contra as meninas e mulheres

Historicamente, as mulheres negras passam por diferentes processos de violência. Durante a escravidão no Brasil, as mulheres escravizadas eram tidas como objetos, sendo desumanizadas, maltratadas, estupradas, etc.

Já no período de pós-abolição, depois que as pessoas escravizadas foram libertas, as mulheres negras passaram a trabalhar, em sua maioria, como empregadas domésticas e quintandeiras. Esses trabalhos eram precarizados, submetendo esse grupo, mais uma vez, à subordinação. O Estado não reservou nenhuma ação de reparação para esse grupo, deixando-o à margem da sociedade. Foi somente nas últimas décadas, com a luta do movimento negro, que o Estado brasileiro aprovou algumas políticas afirmativas com o intuito de reparar as violências e opressões sofridas por mais de três séculos pelas pela população negra. Contudo, muitas dessas políticas ainda não possuem um olhar específico para as mulheres.

Este abandono tem reflexo até os dias de hoje, quando pensamos, por exemplo, nos espaços de trabalho precarizados ainda ocupados por mulheres negras, que se mantêm na base da pirâmide social, refletindo a desigualdade que ainda marca a sociedade brasileira. Tal desigualdade expõe meninas e mulheres negras a diversos tipos de violência, tanto em espaços públicos quanto privados, nos quais elas são as mais vulneráveis da cadeia social.

F.19



Essas desigualdades foram estabelecidades também pela herança colonial que impõe os lugares que os corpos negros devem ocupar, estereotipando o papel da pessoa negra na sociedade e como ela é vista.

F.19_Ver p.113



Fonte: Portal Geledés. Disponível em: https://bit.ly/388CgHf. **Acesso:** 12/01/2022

Estereótipo é uma das manifestações do preconceito racial que ocorre na prática, utilizado como uma forma de manter o corpo negro no mesmo lugar/status de inferioridade e submissão[13]. É como se cada menina ou mulher negra (pardas e pretas) fosse colocada em "caixinhas" e rotulada como "preta raivosa", "preta metida", "preta tipo exportação", a "tia Nastácia", e por aí vai. Por acaso já te rotularam em algum desses estereótipos? Já ouviu falar em algo parecido?

O estereótipo de "preta raivosa" é a que fala alto, faz barraco, reclama de tudo e está sempre irritada e descontrolada, chega a ser agressiva, sendo comparada a um animal e

13_Ver p. 109

assim, mais uma vez, desumanizada. Já o de "preta tipo exportação" é hipersexualizada, é tida como objeto, geralmente é a mulher negra de pele clara ("a preta da casa grande"), curvilínea, mais próxima dos padrões.

No período colonial, era comum a mulher ou menina negra trabalhar como mucama, servindo às pessoas brancas, a famílias com mais posses e poder, cuidando da casa e dos filhas/os, dando conselhos e passando o seu saber, sem receber algo em troca por seu trabalho.

Atualmente, a maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres negras, assim como suas mães e avós também foram, o que reforça a ideia do trabalho doméstico como herança escravocrata. Por muito tempo o trabalho de empregada doméstica foi informal, ou seja, essas trabalhadoras não tinham direitos trabalhistas, tornando esse tipo de serviço precarizado. Apenas em 2015 foi criada a lei que regulamenta o emprego, oportunizando melhores condições de trabalho para as empregadas domésticas[14].

Com tantos estereótipos impostos e padrões de beleza a seguir, amar a si mesma se torna um ato de resistência. Por isso, praticar um esporte, ler um livro ou fazer qualquer outra atividade que te dê prazer significa cuidar de si mesma!

F.20



14_Ver p. 109 / **F.20_Ver** p.114

F.21

O que você faz pela sua autoestima e autocuidado? Escreva aqui.





F.21_Ver p.114

F.22



F.22_Ver p.114

Todos os dias, meninas e mulheres são submetidas a algum tipo de violência. As diversas formas de violência perpetradas contra as mulheres são agravadas de acordo com a identidade de gênero, classe, orientação sexual, raça e etnia, fazendo com que as meninas e mulheres negras sejam as mais afetadas. Elas são a maioria das mulheres vítimas de violência doméstica e mortas por agressão[15].

Um dado que mostra bem essa relação entre violência e cor/raça é o **feminicídio**, que no último ano aumentou contra as mulheres negras, totalizando 68,8% das mulheres vítimas de violência no país.

F.23



Você sabe o que quer dizer feminicídio?

Esse termo é usado para caracterizar assassinatos de mulheres pelo fato de serem mulheres, envolvendo violência doméstica e familiar ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Não se trata de um homicídio comum, mas de um crime baseado no ódio contra a mulher, no poder que o homem acha que tem sobre a mulher e na crença de que ele tem o direito de matá-la se a mulher não se submeter ou não se comportar como ele acha que ela deveria[16]. O crime de feminicídio está previsto como crime de homicídio no Código Penal desde a entrada em vigor da Lei nº 13.104/2015, tendo sido adicionado ao rol dos crimes hediondos[17], tal qual estupro, genocídio e latrocínio. A pena prevista para o homicídio qualificado é de reclusão de 12 a 30 anos.

15-16-17_Ver p. 110 / **F.23_Ver** p.114



Fonte: Athayde, 2019. Aconteceu comigo Hq. Disponível em: https://bit.ly/3KYtKIa/ **Acesso:** 12/01/2022

F.24



No quadrinho da página anterior, a menina percebe que está num relacionamento abusivo e com isso resolve tomar uma atitude. Mas, infelizmente, nem sempre as histórias de violência têm esse final, por isso é importante estar atenta aos sinais e saber onde fazer a denúncia. O **LIGUE 180** é a Central de Atendimento à Mulher que registra os casos de violência e os encaminha para os órgãos competentes, porém também existem casas e ONGs que dão suporte a essas meninas e mulheres, como CRIOLA. Agora, em situações de emergência, para pedir ajuda no momento em que a violência estiver acontecendo, você deve ligar para o **190.** Também é possível criar e participar de redes de apoio, que são muito importantes para quebrar o ciclo de violência e servem como espaços de escuta ativa para amigas, conhecidas e colegas que estiverem nesa situação.

F.24_Ver p.114

Geralmente, as agressões que acontecem em um relacionamento estão dentro de um ciclo que se repete constantemente. A fase 1 deste ciclo é marcada pelo aumento da tensão, e a fase 2 pelo ato de violência em si (seja ela física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial). A fase 3 é conhecida como "tempo de arrependimento", quando o agressor busca conquistar a confiança da vítima de volta, com gestos carinhosos. Mas, após um período, a relação volta para a fase 1 novamente[18].

F.25



18_Ver p. 110 / **F.25_Ver** p.114 / Estúdio Aesho

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Conhecer os sinais do relacionamento abusivo pode fazer toda a diferença. Para conhecer mais sobre o trabalho da ONG CRIOLA, clique no segundo link.

Relacionamento abusivo: 15 sinais de que você pode estar em um - AzMina: https://bit.ly/3vW9Yc1

CRIOLA https://bit.ly/3sp8vZv

Por que você é tão agressiva, Nátaly?:https://bit.ly/3kTVq6n

Nara Couto - Linda e preta https://bit.ly/3KRm76l

Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180: https://bit.ly/3we5CMm

Tipos de Violência –Lei Maria da Penha–Uma Vitória Leva à Outra:https://bit.ly/3N0sHbX

Racismo no esporte

A tirinha ao lado conta a trajetória de uma menina dentro do esporte, e ela relata como foi estar inserida num lugar onde a maioria era de meninos e como isso mudou quando ela resolveu continuar e apoiar as meninas que entraram em seguida. Essa história poderia ser minha, sua, de alguma amiga ou conhecida.

O esporte para nós, meninas e mulheres, é pouco incentivado e, apesar desta situação ter melhorado, as condições proporcionadas às meninas no esporte é ainda inferior às dos meninos. Além disso, a iniciação e permanência de meninas e mulheres no esporte são atravessadas pelo machismo, como mostra a tirinha. Além do machismo, as meninas e mulheres negras são violentadas



Fonte: Laura Athayde. 2019. Aconteceu comigo Hq. Disponível em: https://bit.ly/3sjuYab. Acesso em: 12/01/2022

com o preconceito e discriminação racial no esporte. O racismo age de forma estruturada em nossa sociedade e, por conta disso, tal violência irá permear várias áreas de nossa vida, inclusive o esporte.

Em junho de 2021, Cristiane, jogadora de futebol do Santos FC, compartilhou mensagens racistas que recebeu por uma rede social, ofendendo a ela e seu time, chamando-as de "macacas idiotas". É importante enfatizar que denunciar crimes de racismo e de injúria racial[19] é de extrema importância para o enfrentamento ao racismo. Ao presenciar algum ato racista, seja na escola ou lugar em que pratica o esporte, informe as pessoas responsáveis para que as medidas necessárias sejam tomadas. O racismo no esporte não se apresenta apenas por xingamentos. Ao longo dos anos, desde as primeiras participações de mulheres brasileiras nas Olimpíadas e Paraolimpíadas, a mulher negra se faz presente, apesar de terem pouca visibilidade. Não sabemos ao certo quantas foram e suas histórias ainda são pouco contadas: isso é mais um exemplo de como o racismo se faz presente. Por isso, vamos falar sobre elas aqui!

F.26



19_Ver p. 110 / **F.26_Ver** p.114

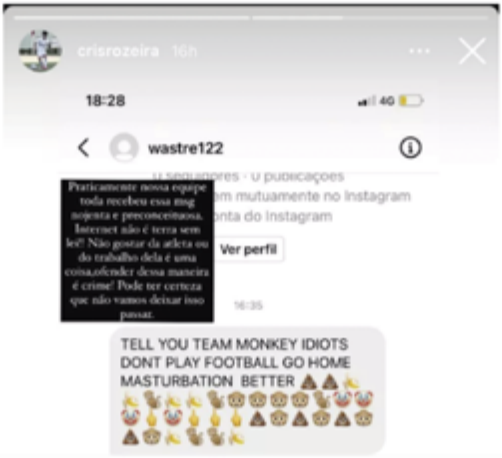
Cristiane e outras atletas do time feminino do Santos são vítimas de racismo; clube repudia em nota

"Mensagem nojenta e preconceituosa", diz atacante renomada mundialmente na modalidade

Por Redação do ge — Santos, SP
04/06/2021 12h01 · Atualizado há 11 meses

A atacante Cristiane e várias atletas do time feminino do **Santos** foram vítimas de racismo nas redes sociais.

– Praticamente nossa equipe toda recebeu essa mensagem nojenta e preconceituosa. Internet não é terra sem lei! Não gostar da atleta ou do trabalho dela é uma coisa, ofender dessa maneira é crime. Pode ter certeza que não vamos deixar isso passar – escreveu a atacante idolatrada no Santos e na seleção brasileira.



Tradução literal: "Fale para o seu time de macacas idiotas para não jogar futebol, vão para casa, se masturbar é melhor**". Imagem extraída de: G1. 2021. Cristiane e outras atletas do time feminino do Santos são vítimas de racismo.** Clube repudia em nota. **Disponível em:** https://bit.ly/3l0vmXb. Acesso: 12/01/2022

F.27



Nas Olimpíadas, o pioneirismo das mulheres negras é marcado por diversas atletas, desde Melânia Luz, a primeira mulher negra a participar da delegação brasileira em Jogos Olímpicos, em 1948; Aída dos Santos, que foi a única mulher que integrou a delegação no ano de 1964; passando pela Fabiana Claudino, também chamada de Fabi, atleta bicampeã olímpica de vôlei e ex-capitã da seleção feminina; Ádria dos Santos, maior medalhista paralímpica do Brasil; e chegando à Rebeca Andrade, ouro olímpico em Tóquio, **entre tantas outras, que também merecem destaque.**

F.27_Ver p.114



F.28

F.28_Ver p.115

GRANDES ATLETAS

MULHERES*

Vamos para a prática? Agora que você já conhece alguns dos nomes de mulheres que marcaram e ainda marcam o esporte, assinale nos nomes das atletas a seguir aos seus feitos.



Allyson Felix[A]



Rosangela Santos[B]



Terezinha Guilhermina[C]



Formiga[D]



Daiane dos Santos[E]



Simone Manuel[F]



Fernanda Garay[G]



Ádria dos Santos[H]



Bruna de Paula[I]



Ketleyn Quadros[J]



Eshyllen Coimbra[L]



Adriana Araújo[M]



Rafaela Silva[N]



Rebeca Andrade[O]



Janeth Arcain[P]

*A resposta encontra-se na página 121.

01 Uma das principais pontuadoras da seleção feminina de vôlei, **medalhista de prata em Tóquio**.

02 Primeira atleta negra a conquistar o **ouro na ginástica artística em uma olimpíada e a primeira a ganhar duas medalhas** numa mesma edição.

03 Velocista dos 100m e 200m rasos. **Coleciona um total de 8 medalhas paraolímpicas** entre elas de ouro, prata e bronze.

04 Maior medalhista de atletismo da história dos jogos olímpicos, **mudou a indústria do esporte após defender a maternidade dentro do esporte.**

05 Primeira brasileira negra a **correr abaixo dos 11s numa prova de 100m rasos** entre as sul-americanas .

06 **Melhor jogadora de handebol da liga francesa e é destaque na seleção brasileira de handebol,** integrando a equipe nas Olimpíadas de Tóquio 2021.

07 **A primeira brasileira negra** a conquistar uma medalha olímpica em **esporte individual, o judô.**

08 **Um dos maiores destaques do rugby feminino carioca,** conheceu o esporte num projeto social em Copacabana e hoje integra a seleção feminina de rugby, e esteve presente nas Olimpíadas de Tóquio 2021.

09 **Maior medalhista feminina do Brasil** e tetra campeã paralímpica.

10 **Primeira nadadora negra, medalhista de ouro em prova individual olímpica,** além disso, em 2016 quebrou o recorde olímpico de 100m livres de natação.

11 **Primeira campeã mundial da ginástica artística brasileira,** em Anaheim 2003. Possui cinco medalhas pan- americanas: duas de prata e três de bronze.

12 Seu nome faz parte da história do futebol feminino, participou de todas as edições da modalidade nos Jogos Olímpicos. **É a atleta brasileira com mais participações em Jogos Olímpicos: seis (de Atlanta 1996 a Rio 2016).**

13 Primeira medalhista negra olímpica do **boxe feminino,** em 2012.

14 Iniciou sua carreira no esporte por meio de um projeto social. **Em 2008, foi campeã mundial sub-20, em 2013, a atleta fez história sendo campeã mundial de judô,** a primeira brasileira a realizar tal feito e, nos Jogos Olímpicos Rio 2016, se consagrou sendo medalhista de ouro em sua cidade natal.

15 Um dos símbolos da seleção de basquete. **Conquistou duas medalhas olímpicas, prata em Atlanta e bronze em Sydney.**

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

O Uniforme Que Nunca Existiu - Aída dos Santos (Completo), Centauro Esporte, 2021: https://bit.ly/395MzM4

A Primeira Mulher Negra na Delegação Olímpica Brasileira: Conheça MELÂNIA LUZ | MULHERES ADMIRÁVEIS, Canal da Astrid, 2021: https://bit.ly/3KV3gHn

Papo de Preta I PRETAS no Esporte, Papo de Preta, 2018: https://bit.ly/393gNzp

Podcast Ubuntu Esporte Clube #34 - Ainda me levanto, Globo Esporte, 12 de Março de 2021: https://bit.ly/3N1sdlO

Racismo no mercado de trabalho

Com a chegada da pandemia da COVID-19, muitas pessoas ficaram desempregadas. A quantidade de mulheres fora do mercado de trabalho, em 2020, aumentou em 8,6 milhões[20].

Esses números revelam a proporção do impacto da COVID-19 na vida de milhares de mulheres negras e pobres que tiveram sua condição econômica agravada, ficando mais pobres e ainda mais à margem da sociedade. Além disso, jovens mulheres tiveram que deixar os estudos ou abandonar a tentativa de ingresso na faculdade para priorizar o trabalho formal ou informal, já que a urgência em se inserir no mercado de trabalho e gerar renda, infelizmente, tem sido maior que a de completar os estudos. E mesmo aquelas que conseguem continuar

20_Ver p. 110

F.29



Fonte: **IBGE. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2021.** Disponível em: https://bit.ly/3N34nGw. Acesso em: 12/01/2022

F.29_Ver p.115

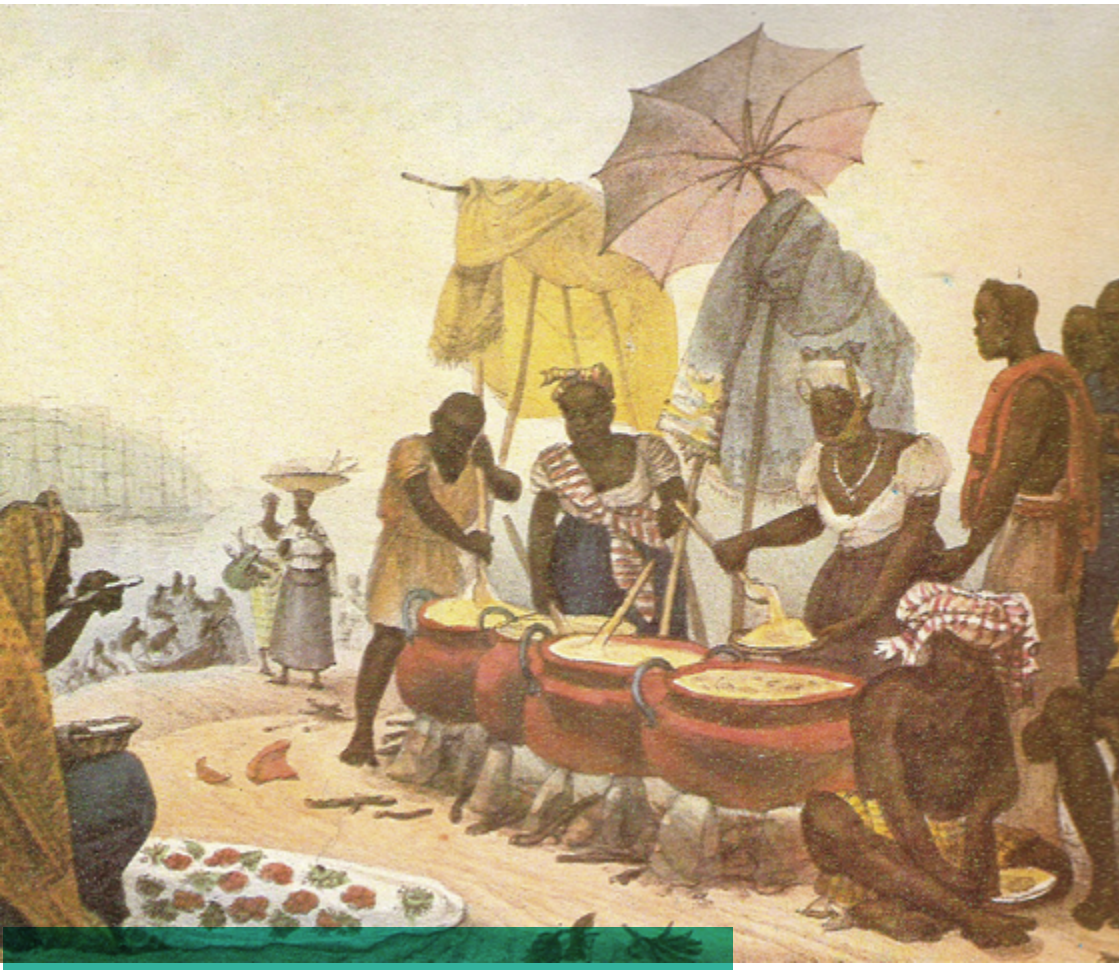
suas qualificações têm dificuldades para permanecer estudando por conta de diversos fatores externos, como chegar até o local de estudo ou obter acesso adequado à internet. E, quando concluintes, ou seja, mesmo que consigam se formar, as oportunidades em relação às vagas de emprego e salários não são as mesmas. Por exemplo, entre as 500 maiores empresas do Brasil, as mulheres negras representam apenas 9,3% do quadro de funcionários/as e estão presentes em somente 0,4% dos altos cargos. Ou seja, quanto mais alta a posição no mercado de trabalho, menos mulheres negras encontramos nestes espaços, havendo uma enorme sub-representação, mesmo esse grupo sendo mais da metade da população brasileira[21].

Para muitas, a alternativa dada para tal situação é investir no empreendedorismo, que só entre as pessoas negras empreendedoras, 52% são mulheres[22] . Não é uma mera coincidência que a maioria das pessoas que decidem abrir seu próprio negócio (formal ou informal), motivadas pela necessidade de renda, são as mulheres, em especial, as mulheres negras[23]. Ainda assim, as mulheres negras são geralmente vistas como microempreendedoras, enquanto as não negras detêm o rótulo de empresárias, conseguindo melhores oportunidades.

A mulher negra sempre empreendeu. Isso teve início no pós-abolição, quando começou a ir para as ruas vender seus quitutes e ali administrava suas vendas, lucros, prejuízos e funcionárias(os), praticando, assim, liderança feminina negra.



21-22-23_Ver p. 110

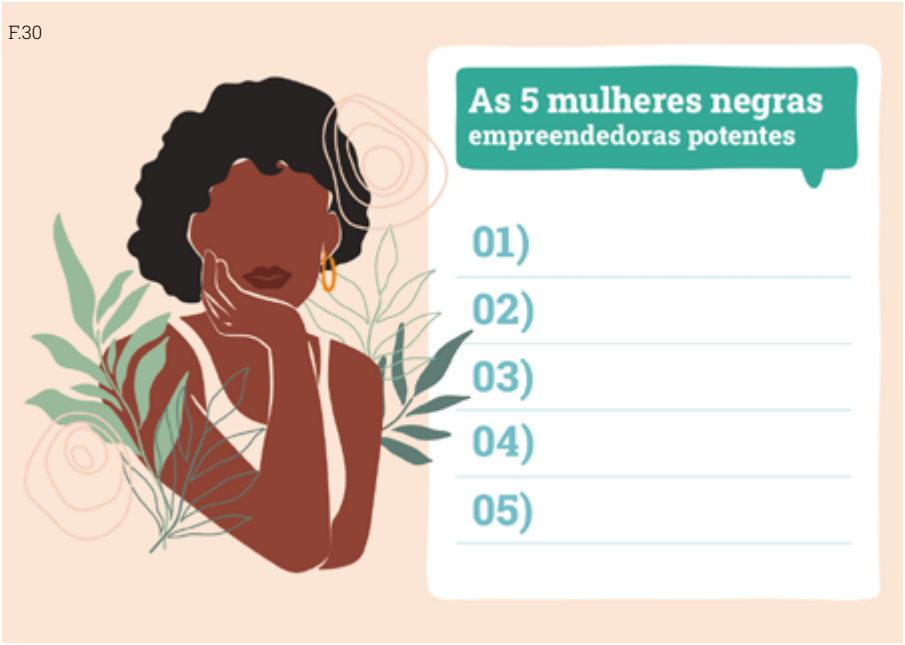


Negras cozinheiras vendedoras de angu, de Jean Baptiste Debret (1768-1848). Disponível em: https://bit.ly/3M7euu0

O preconceito, que persiste desde a época da imagem acima até os tempos de hoje, condiciona o trabalho da mulher negra à inferioridade, já que na imagem elas são vistas como escravizadas que vendiam algo e não como empresárias.

Nós, meninas e mulheres negras, somos potência, passada de geração em geração em constante ascensão, seja no empreendedorismo, nos estudos ou na carreira que desejamos seguir! Com isso em mente, **liste abaixo o nome de 5 mulheres negras empreendedoras que você conhece e, caso não conheça nenhuma, pesquise sobre algumas delas e preencha a lista abaixo!**

F.30



F.30_Ver p.115

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Num bate papo descontraído, Nátaly Neri e Maga Moura conversam sobre como é ser uma mulher negra no mercado de trabalho, e Karol Conká fala sobre a ascensão negra em sua música.

Estereótipos negros no mercado de trabalho - Com Magá Moura #YouTubeNegro, Nátaly Neri, 12 de Novembro de 2016: https://bit.ly/38lYRjo

Karol Conka – Bem Sucedida (Ao Vivo no YouTube Music Night):https://bit.ly/3yv3a6U

Racismo na política

No Brasil, as mulheres conquistaram o direito de votar apenas em 1932, mas ainda assim havia restrições, pois só podiam votar as mulheres casadas (com a autorização do marido) ou aquelas que possuíssem renda. Além disso, pessoas analfabetas ou em situação de rua não podiam votar, o que excluía boa parte da população negra, já que havia se passado apenas 46 anos da assinatura da Lei Áurea e, como sabemos, as pessoas negras ainda tinham pouco acesso à educação e à moradia. Há uma maior mudança quanto a este cenário em 1946, quando o voto, sem restrições, se torna obrigatório para as mulheres[24].

Apesar disso, em 1934, após intensa luta das mulheres, elas conseguiram que as restrições ao voto feminino fossem

24_Ver p. 111

retiradas (apesar de nessa época ainda não ser obrigatório) e, além do direito ao voto, também conquistaram o direito de serem eleitas a um cargo político. Com isso, surgiram as primeiras mulheres brasileiras a ocupar o lugar político e, em 1934, Antonieta de Barros foi eleita a primeira mulher negra deputada estadual, em Santa Catarina[25].

Professora, jornalista e política, Antonieta ajudou a elaborar a Constituição estadual de 1935, sendo responsável pelos capítulos intitulados Educação e Cultura, e Funcionalismo. Erguia as bandeiras da emancipação das mulheres, valorização da cultura negra e educação para todas e todos.

Décadas se passaram e a representatividade das mulheres negras em cargos políticos ainda é bastante inferior - já que mais da metade da população se autodeclara negra, a conta não bate.

O pioneirismo de Antonieta nos mostra que os avanços necessários para grupos minoritários só se fazem por meio da ocupação de espaços de liderança política.

Nas últimas eleições, houve um aumento significativo de representantes negras eleitas.

F.31



25_Ver p. 111 / **F.31_Ver** p.115



Antonieta de Barros
Disponível em: https://bit.ly/3kVDR5V

F.32

PALAVRAS CRUZADAS

Vamos à prática? Ache nas Cruzadas abaixo os nomes das vereadoras negras eleitas em 2020.



Encontre os nomes em roxo nas cruzadinhas:

Erika Hilton Vereadora eleita em São Paulo - SP
Carol-Dartora Vereadora eleita em Curitiba - PR
Lívia Duarte Vereadora eleita em Belém - PA
Dani Portela Vereadora eleita em Recife - PE
Thais Ferreira Vereadora eleita no Rio de Janeiro - RJ
Camila Valadão Vereadora eleita em Vitória - ES
Karen Santos Vereadora eleita em Porto Alegre - RS

*A resposta encontra-se na página 123

F.32_Ver p.115

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

F.33



Assista ao vídeo sobre a história da Antonieta de Barros e conheça mais sobre o pioneirismo da mulher que criou o dia das/os professoras/es no Brasil! Antonieta de Barros | Mulheres Admiráveis, Canal da Astrid, 2021: https://bit.ly/3M4ELcc

Representatividade política: por que isso importa? | AzMina, 2020: https://bit.ly/3N1l7g7

Mulheres negras hackeiam a política – Letícia Ferreira, AzMina, 2020: https://bit.ly/3FtBFMu

10 Mulheres pretas que lutaram e lutam por direitos - Vídeo criado pelas jovens líderes do projeto Mudando o Campo de Jogo, Empodera, 2020: https://bit.ly/3M5yXiD





F.33_Ver p.115



04.

NÃO BASTA NÃO SER RACISTA, É PRECISO SER ANTIRRACISTA



F.34

F.34_Ver p.115

04_AFINAL,O QUE É
ANTIRRACISMO?

Para compreender melhor o antirracismo é necessário **entender o racismo** e como ele opera na nossa sociedade. Até aqui falamos sobre diferentes contextos em que o racismo se institui de forma violenta: nos padrões de beleza, na escola, em violências contra meninas e mulheres negras, no esporte, mercado de trabalho e política.

Com isso, o racismo cria raízes fortes o suficiente que resultam em grandes abismos sociais. Você notou que ao longo desse Almanaque utilizamos o termo **"escravizado"** ao invés de **"escravo ou escrava"** para falarmos sobre as pessoas negras submetidas ao trabalho forçado?

F.35



F.35_Ver p.115

O termo escravo não deve ser utilizado, pois deixa subentendido que a escravidão era algo inerente, natural às pessoas negras. Assim, escravizado indica com mais propriedade que essas pessoas foram impostas, contra a sua vontade, a estarem nessa condição, que não foi natural e sim naturalizada.

Essas percepções revelam a relação entre o vasto período de escravidão (300 anos), o racismo e suas consequências. O Brasil foi um país que, por 300 anos, tratou e ainda trata de forma desumana milhares de pessoas por conta da sua cor de pele.

Tal tratamento gerou inúmeras formas de violência e inferiorização que perduram atualmente: é baseado na cor da pele de uma pessoa que apontamos sua classe social, onde mora, com que trabalha, onde estuda, e é baseado na cor de pele das pessoas que a sociedade determina vantagens para um grupo e desvantagens para outros, limitando os direitos que as pessoas não-brancas podem acessar. Isso é o que dá a característica estrutural ao racismo. Logo, bater o pé dizendo que não é ou nunca foi racista não contribui em nada.

F.36



F.36_Ver p.115

Ora, se o racismo é estrutural no Brasil e está enraizado em nossa sociedade, como combatê-lo? O antirracismo é uma das maneiras de enfrentamento ao racismo.

Informar-se e reconhecer o quanto somos racistas é um dos principais pontos para a ampliação deste combate. É quase impossível que, em algum momento, a gente não tenha reproduzido o racismo, porque nós crescemos em uma sociedade racista e, por mais que a gente não queira, acabamos internalizando os valores racistas da nossa sociedade. Por isso, é preciso estar muito atenta, questionar as nossas ações e opiniões, estudar e se informar, olhar para si e resgatar a nossa história, mesmo que apagada. Tudo isso faz parte da tomada de consciência que é tão importante para a prática antirracista.

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Não existe fórmula mágica para colocar em prática o antirracismo, mas existem ações possíveis. Ana Paula Xongani e Joyce Eleiny falam um pouco mais sobre o assunto nos vídeos abaixo.

ANTI-R4CISTA NA QUARTA-FEIRA PÓS BLACKOUTTUESDAY
Ana Paula Xongani, 2020:
https://bit.ly/3NqGHvU

COMO SER ALIADO NA LUTA ANTIRRACISTA? TIPO4, 2020:
https://bit.ly/3M1Ndby

10_Ver p. 00

F.37



F.37_Ver p.115

É importante compreender a negritude!

A **negritude** pode ser compreendida como a tomada de consciência de uma comunidade sobre a condição histórica de todas aquelas pessoas que foram vítimas da inferiorização e da negação da humanidade, que neste caso se refere a comunidade negra[26].

No Brasil, pessoas negras são apontadas como negras muito antes de elas mesmas se reconhecerem como tal.Isso acontece pois as representações e os estereótipos (aqueles mesmos de que falamos lá no começo do almanaque) impostos às pessoas negras limitam a sua imagem, colocando-as em papéis específicos dentro da sociedade, que na maioria das vezes são negativos.

Em nossa sociedade, a representação que mais prevalece como positiva é a do homem, branco, cristão e heterossexual que será associado a um maior poder aquisitivo, maior nível educacional, como o melhor cidadão ou, até mesmo, a melhor pessoa a ser seguida, o exemplo. Assim, tudo que distorce e se afasta desta concepção é tido como desnaturalizado, anormal - por exemplo, a mulher, negra, não cristã e não heterossexual.

Tal lógica reforça no nosso imaginário que tudo o que é branco é positivo, apropriado, correto, enquanto o preto **é negativo, inapropriado e incorreto**, o que dificulta o nosso entendimento do que é ser negra ou negro na construção de nossa identidade.

26_Ver p. 111



Fonte: Diogo Soares. 2018. A vida moderna de Djinn, ep 39- O que é apropriado 2018: https://bit.ly/3t4amn0. Acesso: 12/01/2022

Identidade é algo em constante transformação e nos reconhecer, enquanto pessoa negra, também faz parte do processo de execução da prática antirracista. Valorize quem você é, sua história e seus traços.

F.38



Enxergue a negritude em você e nos que estão à sua volta.

As pessoas negras escravizadas eram tidas como objeto, tendo sua história apagada (é importante considerar que a história é essencial para a construção da própria identidade) e seu conhecimento desqualificado, enquanto as pessoas brancas eram colocadas no poder. Com tal apagamento, o corpo negro é visto como único. Quantas vezes uma mulher negra de pele clara foi comparada com a Taís Araújo, mesmo não tendo nada a ver? Ou chamada de Formiga, Ludmila, Camila Pitanga? Poder contar com as mulheres citadas acima, como referência, é fundamental, porém, o problema é colocar as mulheres negras como sendo **todas iguais**, à sombra de um único ideal, rotulando-as e gerando ainda mais estereótipos nocivos.

F.38_Ver p.115

Nosso país, por ser miscigenado (com pessoas de diferentes etnias misturadas), se tornou muito diverso. Logo, o estado da pessoa negra no Brasil perpassa por vários fatores, entre eles, o **colorismo** (ou pigmentocracia). Entender tal conceito é essencial para enxergar a negritude.

F.39



Colorismo é um termo que, inicialmente, foi usado pela ativista norte-americana Alice Walker (1982) com o objetivo de explicar a diferença entre as pessoas negras de pele mais clara e aquelas de pele mais escura em relação ao tratamento dado a elas pela sociedade. Essa distinção é marcada pelo privilégio atribuído às de pele mais clara e discriminações e preconceitos intensificados contra pessoas de pele mais escura.

Isso não significa que o racismo enfrentado por um grupo terá menos importância, é apenas diferente, o racismo continua sendo crime para qualquer um dos casos. Então, de forma resumida, o colorismo aponta que quanto mais retinta a pessoa for, mais ela irá sofrer com o racismo.

F.39_Ver p.115

Se entender como uma mulher negra, seja de pele clara ou escura, é um ato de resistência que fortalece aquelas que já foram, as que estão presentes e as que virão. Aqui, no Brasil, foi convencionado o uso dos fenótipos, ou seja, das características físicas para compreender a negritude, como a textura do cabelo, a cor da pele e os traços do rosto.

As diferentes tonalidades de cor da pele não são exclusivas das pessoas negras. Mesmo que em menor escala, também atinge as pessoas brancas que, dentro de suas nuances, devem perceber a branquitude na qual estão envolvidas. Ter a pele branca e cabelo cacheado te aproxima da população negra ou apenas te distingue dentro da branquitude?

"PERCEBER-SE É ALGO TRANSFORMADOR"
(Djamila Ribeiro, 2019)

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Entenda o que é colorismo e como funciona | Conversas Gostosinhas
Ana Paula Xongani, #todecacho, 18 de novembro de 2019: https://bit.ly/38pk8ZE

Brancos também devem falar sobre racismo? | Karol Pinheiro em Papo Kabelo | Salon Line Brasil, 22 de novembro de 2018: https://bit.ly/3yNxB8s

Reconheça os privilégios

De acordo com o dicionário[27], privilégio significa **vantagem ou direito atribuído a uma pessoa ou a um grupo de pessoas em detrimento das/dos demais.** Para reconhecer os privilégios é importante entendê-los, e aqui nós iremos tratar sobre isso do ponto de vista racial e social.

Quando falamos do privilégio branco, é preciso entender que ele foi construído a partir de uma lógica escravista, em que as pessoas brancas tinham o poder em mãos sempre, tendo acesso à educação, saúde, moradia, entre outros direitos humanos, que deveriam ser acessíveis a todas as pessoas.

Tal privilégio foi construído ao longo do tempo e, seguindo essa lógica, o homem branco (num contexto social e não individual) é quem ocupa, ainda hoje, a maior parte dos espaços de liderança e poder, justamente por conta dos privilégios de que desfruta.

F.40



27_Ver p. 111 / **F.40_Ver** p.115

Esses privilégios geram maior facilidade a acessos e direitos, o que proporciona a essas pessoas melhores oportunidades em diferentes âmbitos da vida (no esporte, no mercado de trabalho, na política, entre outros).

Essa lógica, criada há mais de 500 anos, respinga nos tempos atuais marcando pontos de partida diferentes para quem é negra. **A branquitude** (estado de ser branca/o) precisa olhar para o seu grupo social e questionar: por que não há pessoas negras em determinado ambiente, ou por que naquele filme ou novela há apenas uma pessoa negra? Considerando que mais da metade da população é negra, é necessário observar e refletir sobre as posições que a pessoa negra ocupa em determinados lugares, se perguntar se é algo positivo ou negativo. E, com isso, pensar em ações que mudem este cenário.

Se, ao entrar numa loja, você não é seguida, se as pessoas não trocam de calçada ao te verem ou seguram suas bolsas com mais força, se você acha normal sair de casa sem documento, ou se você entra sem medo em um estabelecimento sem pensar se vai ser bem atendida ou não, estando inserida numa sociedade que discrimina e oprime o outro pela cor de pele, **você é privilegiada.**

F.41



F.41_Ver p.116

Não passar por esses tipos de situações citadas ao lado e não se preocupar com elas não significa ser melhor ou pior, isso só irá mostrar que você está inserida num grupo social privilegiado, e isso não é sua culpa já que o que chamamos de privilégio branco foi construído e reforçado ao longo do tempo. Mas **reconhecer o seu privilégio contribui para perceber a si mesma dentro da sociedade** e, com isso, desconstruir padrões, estereótipos, preconceitos e eliminar tantas outras barreiras para criarmos uma corrida mais justa.

F.42



F.42_Ver p.116 / *Adaptação Estúdio Aesho

F.43

EU JÁ...

Vamos a prática? A atividade a seguir é uma brincadeira bem parecida com a **"eu já e eu nunca"**.

Regra:

Cada bolinha a seguir representa uma situação e ela vale 10 pontos.

Se a resposta da pergunta for positiva, pinte a bolinha.

Como há 8 bolinhas, você começa com 80 pontos.

Mas para cada bolinha pintada você perderá 20 pontos.

No final conte quantas bolinhas sobraram ou com quantos pontos você ficou.

Vamos lá?

I: Você já teve que trabalhar e estudar ao mesmo tempo para poder auxiliar na renda familiar?

II: Você já precisou mudar o seu cabelo por causa do seu emprego e/ou escola?

III: Você já foi alvo de piadas por conta da sua cor de pele?

IV: Você já foi perseguida dentro de uma loja por um/a segurança?

V: Você já deixou de ser atendida ao entrar em uma loja?

VI: Você já foi confundida com uma atendente em uma loja?

VII: Você já aceitou situações racistas para ser aceita no trabalho ou na escola?

VIII: Você já utilizou as cotas para entrar em uma universidade e/ou concurso?

Quantas bolinhas restaram?
Seu saldo foi positivo ou negativo?

F.43_Ver p.116

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Em seu canal oficial no Youtube, a Barbie resolveu discutir racismo e o privilégio branco. Debora Liao, Garotas Geeks, 2020:https://bit.ly/3LWgioH

Como ser antirracista e compartilhar privilégios com Xongani: https://bit.ly/37DiBPo

Desconstrua expressões racistas

Nosso vocabulário está repleto de expressões, palavras e termos racistas inventados e difundidos desde o período colonial. Às vezes, o que não passa de uma expressão ou forma de falar, na verdade, revela preconceitos e discriminações racistas. Você já ouviu as expressões abaixo?

F.44



F.44_Ver p.116

As expressões racistas como "a dar com pau", por exemplo, minimizam a pessoa negra atribuindo comparações negativas que reforçam a ideia de que o corpo negro é um objeto, o que acaba o desumanizando. A origem da expressão "a dar com pau" está relacionada à escravidão: quando as pessoas africanas escravizadas se recusavam a se alimentar, como forma de resistência à escravidão, elas eram forçadas a comer com uma colher (que tudo indica ser de pau), por meio da qual se jogava a comida dentro de suas bocas.

Repensar novos usos do vocabulário e substituir as expressões racistas por outras que não ofendam ou diminuam alguém contribui para uma sociedade com menos estereótipos e discriminações. Que tal começar a praticar essa desconstrução agora?

F.45_Ver p.116

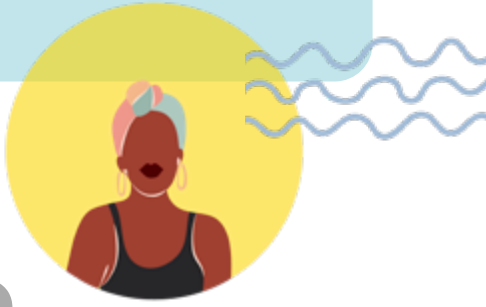
Adiante, você irá encontrar uma atividade que irá te auxiliar a dar o primeiro passo.

Ressignifique

Existem várias palavras e expressões que usamos em nosso dia a dia, que podem parecer apenas um "jeito de falar", mas que, de fato, são racistas. Por isso propomos aqui ressignificar tais expressões.

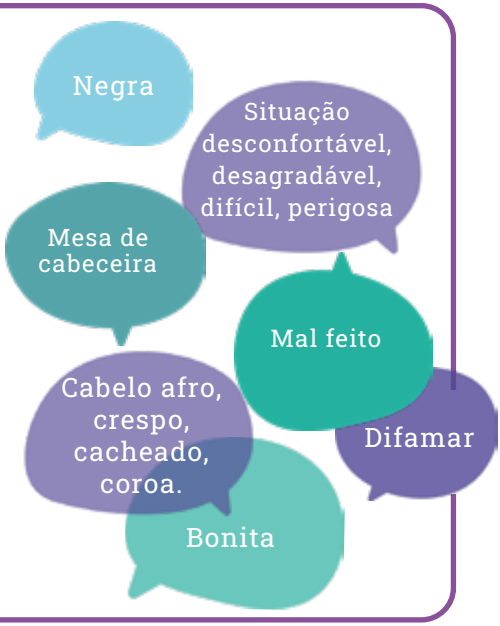
No quadro ao lado, à esquerda, você irá encontrar a coluna com expressões racistas que são bastante utilizadas hoje em dia. À direita estão os balões com expressões que podem substituir aquelas que são racistas.

F.45



Risque as expressões racistas e ligue até o balão da expressão que pode substituir a que foi riscada:

- Feito nas coxas
- Mulata
- Negra de traços finos, beleza exótica, negra bonita
- Denegrir
- A coisa tá preta
- Criado mudo
- Cabelo ruim, duro, pixaim, cabelo de palha de aço



*A resposta encontra-se na página 124.

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Expressões racistas para nunca mais reproduzir (Praticando o Antirracismo) - TIPO 4, 29 de março de 2020: https://bit.ly/39JVUth

Em boca fechada não entra racismo: 13 expressões racistas que devem sair do seu vocabulário, Portal Geledés, 2015: https://bit.ly/3wiBUWr

O racismo sutil por trás das palavras, Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal, 2020: https://bit.ly/3wd5qwK

F.46



F.46_Ver p.116

05.



DIREITOS, LEIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



05_DIREITOS, LEIS E **AÇÕES AFIRMATIVAS**

Historicamente, os direitos direcionados à população negra no Brasil são negados, surgem tardiamente, ou simplesmente não existem. Lembrando que o racismo tem grande relação com o período da escravidão, e que as primeiras leis e políticas que surgiram neste período não foram pensadas para incluir a população negra na sociedade brasileira.

No século XIX, diversas leis espalhadas pelas províncias do Brasil Imperial indicavam, por exemplo, a exclusão de estudantes negras e negros da escola, como a Lei de 1837. Já em 1850, surge a Lei das Terras, que afirmava que pessoas negras não podiam ser proprietárias de terras, configurando mais um direito negado a elas.[28].

F.47



28_Ver p. 111 / **F.47_Ver** p.116

F.48



F.48_Ver p.116

F.50



As leis seguintes, são voltadas para a população negra, no entanto, não necessariamente promovem os seus direitos. Por exemplo, a Lei do Ventre Livre considerava libertas/os as filhas e filhos das mulheres negras escravizadas, porém elas e eles eram proibidas/os de frequentar espaços públicos e não tinham garantido o livre e fácil acesso à educação[29].

Mesmo com o decreto da abolição, os direitos das pessoas negras escravizadas e libertas permaneceram negados, pois a Lei Áurea não garantiu nada mais que a liberdade do povo negro, ou seja, a Lei não propôs nenhuma política pública para promover os direitos e a inclusão das pessoas negras na sociedade brasileira no pós-abolição. Todas essas privações mantiveram a desigualdade racial, forçando a população negra a vivenciar as mais diversas formas de opressão, rejeitando seus direitos à educação, saúde e moradia.
É dentro desse contexto que surgem, recentemente, as políticas públicas a fim de reparar todas as desigualdades vividas em várias décadas de violência.

As políticas públicas são as atividades do governo que envolvem diretamente a vida das cidadãs e dos cidadãos, e as ações afirmativas são uma dessas atividades, que têm como objetivo combater desigualdades sociais. Um exemplo de ação afirmativa, no caso do racismo, são as

29_Ver p. 111 / **F.50_Ver** p.116

A Lei de Cotas foi criada em 2012 e garante a reserva de 50% das vagas nas universidades e institutos federais para as pessoas que cursaram todo o ensino médio em escola pública, com renda familiar mensal igual ou inferior a um salário mínimo. Por meio das cotas raciais, foram reservadas vagas para pessoas indígenas, pardas e pretas. Vale reforçar que as ações afirmativas não existem para medir o conhecimento de cada indivíduo, e sim para tentar diminuir o desequilíbrio de oportunidades em função da raça.

cotas raciais.

Ainda na tentativa de promover reparação histórica, outra política pública importante é a Lei 10.639, criada em 2003, que determina o ensino da história e cultura afro-brasileira na escola, bem como a Lei 1.653, de 2008, que também inclui o ensino da história e cultura indígena. Essas duas leis, e também a lei de Cotas, são conquistas de movimentos sociais, em especial do Movimento Negro Unificado (MNU).

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

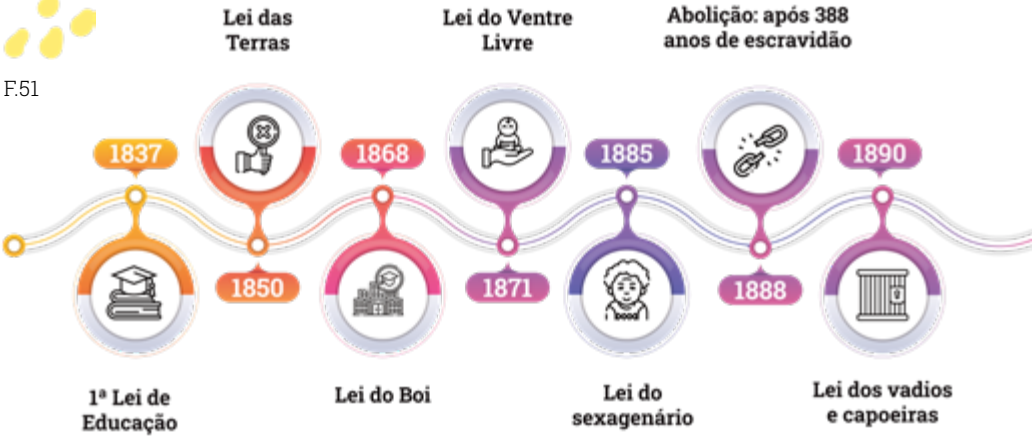
Desigualdade Racial no Brasil –2 minutos para entender!– Superinteressante, 2016: https://bit.ly/3L3xCrt

Cotas raciais: sim ou não? | Papo DePretas, Gabi Oliveira, 2016: https://bit.ly/3sqPRR9

Bia Ferreira - Cota Não é Esmola | Sofar Curitiba, Sofar Latin America, 2018: https://bit.ly/37xnglM

LINHA DO TEMPO

F.51



SAIBA MAIS!

1837 | Primeira lei de educação: Negros não podiam ir à escola.

1850 | Lei das terras: Negros não podiam ser proprietários.

1868 | Lei do boi: Primeira lei de cotas! Não, não foi para negros, foi para filhos de donos de terras que conseguiram vagas nas escolas técnicas e nas universidades (volte e releia sobre a lei de 1850).

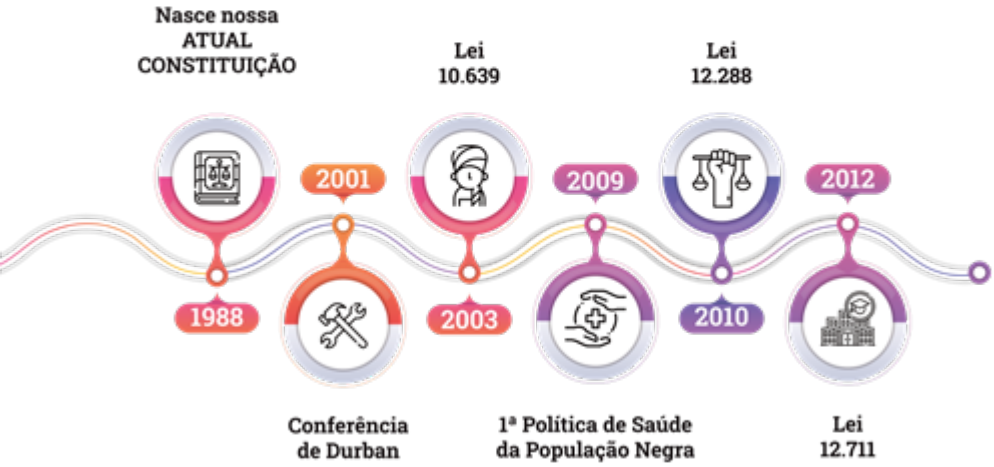
1871 | Lei do ventre livre: Considerava livres todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquela data. As crianças trabalhavam porque eram proibidas de frequentar escolas e áreas públicas.

1885 | Lei do sexagenário: Considerava livre quem alcançasse 60 anos. Nenhum negro alcançava essa idade.

1888 | Abolição: Depois de 388 anos de escravidão.

1890 | Lei dos vadios e capoeiras: Os que perambulavam pelas ruas, sem trabalho ou residência comprovada, iam para cadeia. Eram mesmo "livres"? Dá para imaginar qual era a cor da população carcerária daquela época? Você sabe a cor predominante nos presídios hoje?

F.51_Ver p.116 / *Adaptação Estúdio Aesho



1988 | Nasce nossa atual constituição: Foram necessários 488 anos para ter uma constituição que determina que racismo é crime. Na maioria das ocorrências, se minimizava o racismo enquanto injúria racial e nada acontecia.

2001 | Conferência de Durban: O Estado reconhece que terá que fazer políticas de reparação e ações afirmativas, mas não foi porque acordaram bonzinhos. Não foi sem luta. Foram décadas de lutas para que houvesse esse reconhecimento. E olha que até hoje tem gente que ignora, hein!

2003 | Lei 10.639: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Convenhamos que não é cumprida, né?

2009 | Primeira Política de Saúde da População Negra: Que prossegue sendo negligenciada e violentada (quem são as maiores vítimas da violência obstétrica?) no sistema de saúde.

2010 | Lei 12.288: Estatuto da Igualdade Racial. Em um país que se nega a reconhecer a existência do racismo.

2012 | Lei 12.711: Cotas nas universidades.

Fonte: **Grupo de Trabalho Práticas Antirracistas** Empodera/ Uma Vitória Leva à Outra, 2020.



06.

REPRESENTATIVIDADE



F.52

F.52_Ver p.117

06_

REPRESENTATIVIDADE

A representatividade pode se dar por meio de vários caminhos, expressando os interesses de um grupo e por meio de uma figura política que busca garanti-los.

Fonte: Victoria Lobo, 2020| Acesso em: 12/01/2022 Disponível em: https://bit.ly/3wgkYzT



Na imagem ao lado, mulheres negras vão às ruas demonstrando o desejo de se fazerem presentes nos espaços de poder. Quando uma mulher ocupa um espaço de decisão, ela toma posse de um lugar que historicamente nunca foi para ela.

Vale destacar que **não basta estar nesses espaços apenas**, é preciso estar alinhada com os interesses do grupo, além de gerar novas maneiras para que mais mulheres negras também façam parte deste processo.



Ilustração: Janaína Esmeraldo
Disponível em: https://bit.ly/3GcjV8E

Precisamos de referências. Representatividade também é espelho e, para que possamos nos inspirar, é necessário ter uma identificação com o que está sendo visto. Se dentro da negritude existem vários tons de pele, não faz sentido haver uma única mulher negra em espaços de liderança, de prestígio, na TV, na sala de aula, em grupos musicais e até mesmo nas redes sociais.

Se metade da população é negra, por que só vemos uma mulher negra ou duas em espaços que não sejam os de servidão? E os brinquedos, com quantos deles você poderia dizer que se identificava ou que tinham a cor e a textura do cabelo parecidas com a sua?

Discutir sobre representatividade negra é abrir passagem para meninas e mulheres negras se verem em espaços antes inimagináveis e auxiliar na construção de uma identidade mutável e não limitante.





Ilustração: Lhaiza Morena, 2020, Nina. Acesso em 23/02/2022, Disponível em: https://bit.ly/37C2MZe

MERGULHE NO ASSUNTO

PEGUE A VISÃO!

Representatividade e Proporcionalidade. Soul Vaidosa, 29 de março de 2019: https://bit.ly/3N4FNoD

F.53



F.53_Ver p.117

F.54



F.54

F.54_Ver p.117

07.



MINHAS REFLEXÕES

07

RESGATE SUA ANCESTRALIDADE: QUEM VEIO ANTES DE VOCÊ?

DE ONDE VEM SUA FORÇA?

Assim como as árvores, nós também temos nossas raízes, que nos mantêm firmes e fortes para construir novas ramificações, novos galhos. Pensar em quem veio antes de nós é fundamental para que possamos nos conhecer melhor.

Com isso, monte a árvore genealógica das mulheres de sua família. Faça uma breve pesquisa com as mais velhas de sua casa e preencha os seus galhos.

F.55



F.55_Ver p.117



Nesse caça-palavras, você deverá encontrar nove palavras.

Todas elas estão relacionadas aos símbolos africanos do Adinkra, que são conjuntos de símbolos que representam ideias expressas em provérbios.

Para saber mais sobre o Adinkra, acesse: https://bit.ly/3srWGSm

F.56_Ver p.117/ **Adaptação** Estúdio Aesho



F.57_Ver p.117 / * A resposta encontra-se na página 125.

QUEM TE INSPIRA?

Liste abaixo cinco nomes de mulheres (influencers, artistas, atletas, familiares) que te inspiram.



Agora, dê uma olhada nas pessoas da sua lista. Quantas delas são negras (pardas e pretas) ou indígenas?

Se menos da metade for negra e/ou indígena é uma boa oportunidade para conhecer mais mulheres destes grupos.

Tem mulheres negras na economia, como a Amanda Dias, que fala sobre o assunto de forma simples no seu Instagram @granapreta.

Há mulheres negras viajando, como @PretasPeloGlobo e @ninaejosyporai.

Também encontramos mulheres indígenas na moda como a @weena_tikuna e @molina.ela.

E ainda no Instagram, podemos encontrar diversas **mulheres indígenas na literatura** no perfil @leiamulheresindigenas.

F.58



F.58_Ver p.117

NOTAS DE RODAPÉ, BIBLIOGRAFIA

E RESPOSTAS DAS ATIVIDADES



Notas de rodapé

1_Aqui tais conceitos são diferenciados, bem como fez o filósofo, advogado e professor universitário, Silvio de Almeida, em sua obra "O que é racismo estrutural?" (2018).

2_Almeida, Sílvio Luiz. 2018. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, p.25

3_Munanga, Kabengele. 2004. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira [S.l: s.n.].

4_Almeida, Sílvio Luiz. 2018. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, p.25

5_Idem.

6_Oliveira, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados. São Paulo, v. 18 n. 50, 1-4, abr/ 2004.

7_IBGE. 2019. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://bit.ly/3wRkJge

8_Gomes, S, Flávio; Schwarcz, M, Lilia. 2018. Dicionário Da Escravidão E Liberdade: 50 Textos Críticos. São Paulo: Companhia das Letras.

9_As políticas de reparações são ações criadas para combater o racismo, para que pessoas negras e indígenas tenham acesso ao trabalho, à educação e à cultura, por exemplo. É uma forma de compensar os prejuízos causados a esses grupos. Um exemplo de política de reparação é a cota racial (Carvalho et. al, 2020).

10_Ferreira, Yuri. 2021. Padrões de beleza: as consequências graves da busca por um corpo idealizado. Hypeness. Disponível em:https://bit.ly/3PEnzwz. Acesso em: 15/12/2021.

11_Campos, L. A; Candido, M. R; Junior, F. J. 2015. A Raça e o Gênero nas Novelas dos Últimos 20 Anos. Gemaa. Disponível em: https://bit.ly/3yKAK90. Acesso em: 15/12/2021.

12_Santos, Ana Paula. 2020. Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens de alunos de escola particular da Zona Sul do Rio. G1. Disponível em: http://glo.bo/3wiLolH. Acesso em: 15/12/2020.

13_Munanga, Kabengele (org.). 2001. Superando o racismo na escola. 3. ed/ Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da educação, secretaria da educação fundamental. 3.ed. 2001, p.58.

14_Lei complementar nº 150 de 01 de junho de 2015

15_Adaptado de Guia de Atividades Uma Vitória Leva à Outra, 2016.

16_Lei nº 13.104/2015–Lei do Feminicídio.

17_Crimes hediondos, como explica o Conselho Nacional do Ministério Público, são aqueles em que não existe possibilidade de anistia, fiança ou liberdade provisória, por exemplo.

18_Instituto Maria da Penha. Ciclo da Violência: saiba identificar as três principais fases e como ele funciona. Disponível em: https://bit.ly/3lj8y5b. Acesso: 12/01/2022

19_Em 28/10/2022, o crime de injúria racial foi equiparado ao de racismo por decisão do STF: https://bit.ly/3wAFvzm.

20_IBGE. 2021. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: https://bit.ly/3PkQXYi. Acesso em: 12/01/2022

21_Instituto Ethos. 2016. Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas. Disponível em: https://bit.ly/3lm8d1u. Acesso em: 12/01/2022

22_Plano CDE, PretaHub, GoM. 2019. Empreendedorismo Negro no Brasil. Disponível em: tAcesso em: 16/12/2021.

23_SEBRAE. 2019. Empreendedoras negras ganham menos, são menos escolarizadas e a maioria está na informalidade. Disponível em: https://bit.ly/3NHB9NS. Acesso em: 12/01/2022

24_Brasil. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei N.º 4.765-B, DE 2009. (Da Sra. Sueli Vidigal). Institui, no Calendário Oficial do País, o "Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil." Disponível em: https://bit.ly/3Pw3CrI. Acesso em: 05/01/2022.

25_Caetano, S, R; Nanô, L, J, P; Silva, F, H, O. 2020. Meninas negras e política: combatendo o racismo e fomentando a participação delas no espaço público. Cadernos Pagu. n, 58.

26_Munanga, K. 2009. Negritude: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

27_Simpson, J. 2017. Dicionário Oxford Languages.

28_Barros, P, Surya. 2016. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605.

29_Gomes, S, Flávio; Schwarcz, M, Lilia. 2018. Dicionário Da Escravidao E Liberdade: 50 Textos Críticos. São Paulo: Companhia das Letras.

Notas das ilustrações

F.1_Conjunto de adesivos fofos
Disponível em: http://tiny.cc/y62suz. Autor: @gohsantosa2

F.2_Conjunto criativo de adesivos de poder feminino. Disponível em: http://tiny.cc/z62suz. Autor: @pikisuperstar

F.3_Ilustração tropical de arara
Disponível em: http://tiny.cc/372suz.Autor: @rawpixel.com

F.4_African American black woman working at a computer
Disponível em: http://tiny.cc/472suz. Autor: irynakr1990

F.5_Conjunto de adesivos fofos
Disponível em: http://tiny.cc/572suz. Autor: @gohsantosa2

F.6_Conjunto de adesivos fofos
Disponível em: http://tiny.cc/672suz. Autor: @gohsantosa2

F.7_Mulher de conceito de violência de gênero. Disponível em: http://tiny.cc/772suz. Autor: @Maria_Petrishina

F.8_Conjunto de adesivos fofos. Disponível em: http://tiny.cc/872suz. Autor: Mikhail Nilov

F.9_Conceito de punhos levantados multirraciais.Disponível em: http://tiny.cc/972suz. Autor: @freepik

F.10_Beija-Flor. Disponível em: http://tiny.cc/vg3suz. Autor: Creative Commons 4.0 BY-NC

F.11_Design plano consiencia negra day. Disponível em: http://tiny.cc/a72suz. Autor: @freepik

F.12_Conjunto criativo de adesivos de poder feminino.Disponível em: http://tiny.cc/c72suz. Autor: @pikisuperstar

F.13_Black lives matter with fists girl and boys. Disponível em: http://tiny.cc/i72suz. Autor: djvstockpro

F.14_Rostos. Disponível em: https://www.pexels.com/pt-br/foto/lindo-bonito-atraente-elegante-4655898/ Autor: Jacob Pilatoe

F.15_Mulher afro-americana sorridente em roupas tradicionais da África. Disponível em: http://tiny.cc/k72suz. Autor: @drawlab

F.16 _Protagonistas. Adaptação de GEMAA, 215. Ilustração: Estúdio Aesho

F.17_Grupo ilustrado de mulheres desenhadas à mão. Disponível em: http://tiny.cc/l72suz. Autor: @freepik

F.18_Coleção de primavera com adesivos decorativos estilo folclórico design elementos florais sazonais. Disponível em: http://tiny.cc/m72suz. Autor: @lilett

F.19_Mão de mulher embaçada atrás de metáfora de vidro fosco, pânico e emocional escuro negativo. Disponível em: http://tiny.cc/n72suz. Autor: @kaikoro

F.20_Conjunto de jovens homens e mulheres lendo. Disponível em: http://tiny.cc/o72suz
Autor: @pikisuperstar

F.21_Folha de Papel. Ilustração Vintage. Disponível em: http://tiny.cc/p72suz e http://tiny.cc/q72suz. Autor: @Maria_Petrishina e @rawpixel.com

F.22_Garota gosta de música da lista de reprodução de motivação, aproveita o tempo livre para ouvir faixas populares
Disponível em: http://tiny.cc/r72suz. Autor: @wayhomestudio

F.23_Coleção de primavera com adesivos decorativos estilo folclórico design elementos florais sazonais
Disponível em: http://tiny.cc/s72suz. Autor: @lilett

F.24_Dia internacional desenhado à mão para a eliminação da violência contra a ilustração das mulheres. Disponível em: http://tiny.cc/t72suz. Autor: @pikisuperstar

F.25_Ciclo de violência. Autor: @pikisuperstar

F.26_Esporte feminino. Disponível em: http://tiny.cc/bn5suz.

F.27_Ilustração do dia nacional de esportes gradiente. Disponível em: http://tiny.cc/u72suz. Autor: @freepik

F.28_Basquete. Autor: Empodera.

F.29_Brasil: A inserção das mulheres no mercado de trabalho Autor: Estúdio Aesho

F.30_Retrato abstrato de mulher desenhada à mão. Disponível em: http://tiny.cc/v72suz. Autor: @pikisuperstar

F.31_Mulher votando na cabine de votação. Disponível em: http://tiny.cc/8h3suz. Autor: grmarcstockpro

F.32_Palavras Cruzadas. Autor: Estúdio Aesho

F.33_Pacote de modelos de logotipos africanos. Disponível em: http://tiny.cc/x72suz. Autor: @freepik

F.34_Ilustração do conceito de solidariedade. Disponível em: http://tiny.cc/y72suz. Autor: @conjunto de histórias

F.35_Use o termo escravizados e não escravos! Autor: Estúdio Aesho

F.36_Plant illustration. Disponível em: http://tiny.cc/082suz Autor: CHENXIN

F.37_Quadrinhos. Autor: Samtiago

F.38_Retrato de mulher africana. Disponível em: http://tiny.cc/hxjsuz. Autor: melazerg

F.39_Colocar outra figura The concept of women's friendship. Disponível em: http://tiny.cc/th3suz. Autor: Margarita Diemidova

F.40_A corrida. Autor: Estúdio Aesho

F.41_Privilégios
Disponível em: http://tiny.cc/bn5suz

F.42_Retrato de mulher abstrato desenhado à mão ilustrado e Ilustração de moda estética contemporânea abstrata veHaishi

F.43_Eu já. Autor: Estúdio Aesho

F.44_Hand Drawn Positive Words Vector. Disponível em: http://tiny.cc/382suz. Autor: grumpymonstergroup

F.45_Coleção abstrata de retratos de mulheres desenhadas à mão. Disponível em: http://tiny.cc/482suz. Autor: @pikisuperstar

F.46_Hand holding judge gavel
Disponível em: http://tiny.cc/582suz. Autor: aryo.hadi

F.47_Group of students. Young people. Disponível em: http://tiny.cc/682suz. Autor: Julia Moskalenko

F.48_Ilustração plana do dia internacional dos direitos humanos desenhada à mão. Disponível em: http://tiny.cc/882suz.
Autor: @freepik

F.49_Ilustração plana do dia internacional dos direitos humanos desenhada à mão. Disponível em: http://tiny.cc/982suz.
Autor: @freepik

F.50_Conjunto de jovens homens e mulheres lendo. Disponível em: http://tiny.cc/a82suz.Autor: @pikisuperstar

F.51_Modelo de infográfico de linha do tempo gradiente. Disponível em: http://tiny.cc/b82suz. Autor: @freepik

F.52_Multiracial women of different height and figure type
Disponível em: http://tiny.cc/c82suz. Autor: irida_08

F.53_Ver p.00
Mulher afro-americana com flores blm movimento post de mídia social. Disponível em: http://tiny.cc/d82suz. Autor: @rawpixel.com

F.54_Três mulheres e flores
Disponível em: http://tiny.cc/ii3suz. Autor: piki superstar

F.55_Árvore Genealógica. Autor: Estúdio Aesho

F.56_Mulher afro. Disponível em: http://tiny.cc/6j3suz. Autor: Jackson David

F.57_Mulher afro-americana com flores blm movimento post de mídia social. Disponível em: http://tiny.cc/f82suz. Autor: @rawpixel.com

F.58_Ilustração de poesia desenhada à mão. Disponível em: http://tiny.cc/g82suz. Autor: @freepik

Capa_Mulheres: eliminação da violência. Disponível em: http://tiny.cc/zj4suz. Autor: @pikisuperstar

Quarta capa_Mulher afro. Disponível em: http://tiny.cc/2k4suz. Autor: @drawlab

Referências Bibliográficas

BARROS, S, P. 2016. Escravos, libertos, filhos de africanos livres, não livres, pretos, ingênuos: negros nas legislações educacionais do XIX. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 3, p. 591-605.

CÁ, A, G. 2018. Teorias de embranquecimento no Brasil: últimas décadas do século XIX e início do século XX (1870- 1930). 16p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Instituto de Humanidades e Letras. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

CARVALHO, et. al. POLÍTICAS PÚBLICAS E REPARAÇÕES PARA A POPULAÇÃO NEGRA: políticas de igualdade racial e educação. Revista de Políticas Públicas, 2020. Disponível em: https://bit.ly/3Nyic04. Acesso em: 30 de março de 2022.

CONCEIÇÃO, C, S; Mora, C, M. 2020. "Respeito é bom e eu gosto": trajetórias de vida de mulheres negras assistidas por um Centro Especializado de Atendimento à Mulher em Situação de Violência na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública 2020; 36(7):e00180019.

CRUZ, T, J; Martins, P. 2017. Colorismo E Embranquecimento Na Rede: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana. In: VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR, 2017, Pinhais. Anais do VI Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação do IFPR ? SE²PIN. Pinhais. v. 6.

FERNANDES, V, B; Souza, M, C; Cortez, C. 2016. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [s.i.], n. 63, p.103-120.

FERREIRA, N, T. 2020. Desigualdade racial e educação: uma análise estatística das políticas afirmativas no ensino superior. Educ. rev. 36.

FERREIRA, O, H; CAETANO, R, S, O; NANÔ, J, P, L. 2020. Meninas negras e política: combatendo o racismo e fomentado a participação delas no espaço público. Cad. Pagu (58) • 2020. https://bit.ly/3NkXCA1

IBGE. 2019-2020. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) - Brasil a inserção das mulheres no mercado de trabalho- 3º trimestres de 2019 e de 2020

JÚNIOR, H, S. 2003. Ação afirmativa para negros(as) nas universidades: a concretização do princípio constitucional da igualdade. In: Silva, P, B, G; Silvério, V, R. et.al (org). Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília. Inep/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio, pp. 101- 114.

MUNANGA, Kabengele. 2001. Superando o racismo na escola. 3. ed. – [Brasília]: Ministério da educação, secretaria da educação fundamental.

MUNANGA, K. 2009. Negritude: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

MUNANGA, K. 2019. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional VS identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

RIBEIRO, D. 2019. Pequeno Manual Antirracista. 1. Ed. São Paulo. Editora Schwarcz.

SCHWARCZ, L, Moritz; SANTOS, F, E. 2019. Dicionário da escravidão e liberdade. 1. ed. São Paulo. Editora Schwarcz.

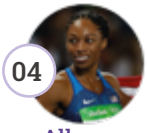
SILVA, M, N; Monteiro, J, C, S.2018. Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde. Rev. esc. enferm. USP 52. https://bit.ly/3LZkAfS.

Respostas das atividades

>> Páginas 54 e 55

GRANDES ATLETAS

MULHERES



Allyson Felix[A]



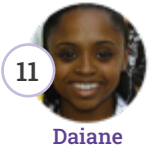
Rosangela Santos[B]



Terezinha Guilhermina[C]



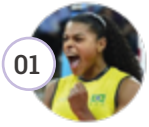
Formiga[D]



Daiane dos Santos[E]



Simone Manuel[F]



Fernanda Garay[G]



Ádria dos Santos[H]



Bruna de Paula[I]



Ketleyn Quadros[J]



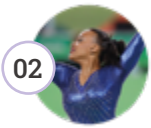
Eshyllen Coimbra[L]



Adriana Araújo[M]



Rafaela Silva[N]



Rebeca Andrade[O]



Janeth Arcain[P]

Fonte das imagens: na próxima página, classificadas por letra conforme indicação no nome da atleta.

A. Fernando Frazão /Agência Brasil, CC BY 3.0 BR <https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/deed.en>, via Wikimedia Commons< https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/10/Allyson-FelixRio2016.jpg

B. Johnson Barros, CC BY 2.0<https://creativecommons.org/licenses/by/2.0>, via Wikimedia Commons<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d7/Bronze_na_corrida_200m_feminino_%2821414374864%29.jpg

C. Pierre-Yves Beaudouin /Wikimedia Commons< https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b0/Meeting_d%27Athl%C3%A9tisme_Paralympique_de_Paris_-_Terezinha_Guilhermina_03.jpg

D. TV BrasilGov, CC POR 3,0, via Wikimedia Commons< https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2a/Formiga_na_NBR%2C_prepara%C3%A7%C3%A3o_Rio_2016.png

E. Ricardo Stuckert/PR, CC BY 3.0 BR<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/deed.en>, via Wikimedia Commons

F. Oleg Bkhambri (Voltmetro), CC BY-SA 4.0<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>, via Wikimedia Commons<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/Simone_Manuel_%28USA%29_2015.jpg

G. Murilodias, CC BY-SA 3.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0>, via Wikimedia Commons

H. Tomaz Silva/Agência Brasil, CC POR 3,0 BR<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/deed.en>, via Wikimedia Commons<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7a/2016_Paralympics_opening_ceremony%2C_cauldron%2C_Silva_and_Santos.jpg

I. Wenflou, CC0, via Wikimedia Commons < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/ff/Bruna_de_Paula_4_20170903.jpg

J. Antonio Cruz/ ABr, CC POR 3,0 BR, via Wikimedia Commons <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c9/Ketleyn_Quadros.jpg

L.https://m-partners.facebook.com/BrasilRugby/photos/a.10156080078074298/10160014452579298/?type=3&source=48

M. Agência Brasil Fotografias, CC BY 2.0 <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0>, via Wikimedia Commons<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/29/Adriana_Ara%C3%BAjo_2016.jpg

N. Roberto Castro/Agência Brasil, CC POR 3,0 BR, via Wikimedia Commons< https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1b/Rafaela_Silva_2016.png

O. Agência Brasil Fotografias, CC POR 2,0, via Wikimedia Commons<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cf/Rebeca_Andrade_Rio_2016.jpg

P. ASCOM Prefeitura de Votuporanga, CC POR 2,0, via Wikimedia Commons < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Janeth_Arcain_%2821300956406%29.jpg

>> **Página** 64

PALAVRAS

CRUZADAS

Vamos à prática? Ache nas Cruzadas abaixo os nomes das vereadoras negras eleitas em 2020.



			C						
	T	H	A	I	S				
			M			D			
		L	I	V	I	A			
			L			N			
E	R	I	K	A		I			
			A						
	C	A	R	O	L				
			E						
			N						

Encontre os nomes em roxo nas cruzadinhas:

Erika Hilton Vereadora eleita em São Paulo - SP
Carol Dartora Vereadora eleita em Curitiba - PR
Livia Duarte Vereadora eleita em Belém - PA
Dani Portela Vereadora eleita em Recife - PE
Thais Ferreira Vereadora eleita no Rio de Janeiro - RJ
Camila Valadão Vereadora eleita em Vitória - ES
Karen Santos Vereadora eleita em Porto Alegre - RS

>> **Página** 83

Risque as expressões racistas e ligue até o balão da expressão que pode substituir a que foi riscada:

Feito nas coxas

Mulata

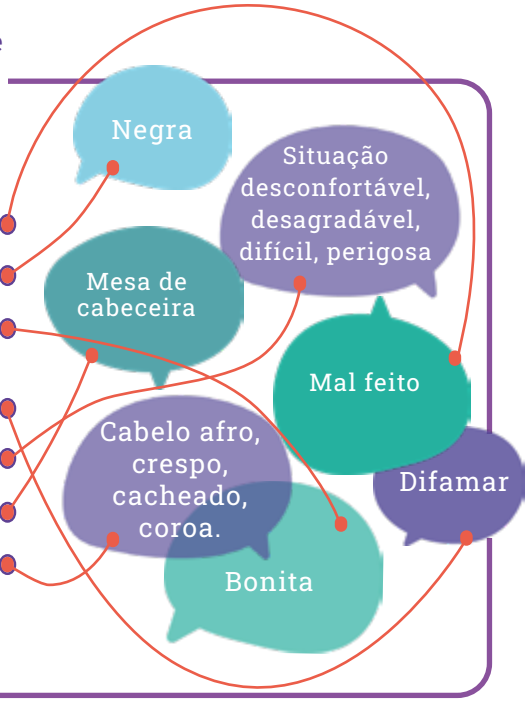
Negra de traços finos, beleza exótica, negra bonita

Denegrir

A coisa tá preta

Criado mudo

Cabelo ruim, duro, pixaim, cabelo de palha de aço



>> **Página** 103


CAÇA-PALAVRAS
ADINKRA
Nesse caça-palavras, você deverá encontrar nove palavras. Todas elas estão relacionadas aos símbolos **africanos do Adinkra**, que são conjuntos de símbolos que representam ideias expressas em provérbios.
SABEDORIA
RESISTÊNCIA
PODER
INTELIGENCIA
PERSEVERANÇA
RESGATE
CRIATIVIDADE
Akoma Ntoaso
UNIÃO
Aya
RESISTÊNCIA
Ananse Ntontan
CRIATIVIDADE
Bese Saka
PODER
Sankofa
RESGATE
Wawa Aba
PERSEVERANÇA
Nyansapo
INTELIGÊNCIA
Sram ne nsoromma
AMOR
Mate Masie
SABEDORIA



UMA VITÓRIA LEVA À OUTRA
meninas empoderadas pelo esporte

Um programa de

ONU MULHERES

International Olympic Committee

Parceiras implementadoras

EMPODERA

Almanaque ANTIRRACISTA

para Adolescentes

Almanaque ANTIRRACISTA

para Adolescentes

Almanaque ANTIRRACISTA para Adolescentes



Um programa de

ONU MULHERES

International Olympic Committee

Parceiras implementadoras

EMPODERA